

**O recurso ao *crowdsourcing* como modelo válido para a recuperação da informação e construção de memória colectiva: O Projecto Memórias da I Guerra Mundial 1914-1918, os Dias da Memória**

**Maria Alexandra de Figueiredo Araújo Leça da Veiga**

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação – Área de Especialização em Arquivística**

(Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública)

**Setembro, 2015**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Informação e Documentação - Área de especialização em Arquivística, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria de Lurdes Rosa e da Dr<sup>a</sup> Sónia Casquiço.

*“As public trusts, the nation’s archives must continue to be open and accessible to all without cost. More than a mere statement of principle, this is a necessary element of the peer-production system. The results: archives whose holdings are much easier to discover, access, and use. And the bonus is a community of highly intelligent men and women who will come to understand and appreciate archives. The archives of the people (as they have always been, but only in the abstract) thus become the archives by the people (who contribute and add value) and for the people (who now can actually use them).”*

Max J. Evans

## **AGRADECIMENTOS**

À minha Mãe pela sua incansável paciência ao longo dos anos em provar-me que a História é importante e não deve ser esquecida, ao meu Pai por durante toda a sua vida me ter rodeado de memórias e da sua paixão por elas, aos dois por tudo.

Uma palavra de agradecimento especial às minhas orientadoras, à Professora Doutora Maria de Lurdes Rosa por me ter indicado o caminho certo, por todos os esforços e empenho na orientação desta dissertação, à Dr.<sup>a</sup> Sónia Casquiço pelo incentivo e conselhos importantes, às duas, pela amabilidade com que sempre me receberam.

À Professora Fernanda Rollo por ter aberto as portas da “sua casa”, e à Dr.<sup>a</sup> Margarida Portela pela preciosa ajuda relativamente às particularidades do estudo de caso.

A todos os meus incondicionais amigos, em especial à minha querida Ana pela ajuda no trabalho de revisão, mas acima de tudo pela crítica construtiva.

Ao Tiago pelas “ausências” e a quem devo o apoio incondicional durante todo este processo.

## **O recurso ao *crowdsourcing* como modelo válido para a recuperação da informação e construção de Memória Colectiva:**

O Projecto Memórias da I Guerra Mundial 1914-1918, os Dias da Memória

### **RESUMO**

Porque grande parte do património cultural, tangível e intangível da humanidade não se encontra documentado, tem-se verificado nos últimos anos por parte de algumas instituições iniciativas que vão no sentido de salvaguarda deste legado que se encontra disperso e na grande parte das vezes apenas ao alcance de indivíduos que por alguma razão estão ligados a um determinado período da História. Por este motivo, na última década, um número crescente de instituições na área do património tem vindo a explorar o potencial do *crowdsourcing* através das suas plataformas *online*, porque nunca, como nos últimos anos, foi tão fácil chegar a tanta gente em tão pouco tempo.

Este trabalho de investigação pretendeu verificar a possibilidade de as instituições arquivísticas se reinventarem e, em colaboração com outro tipo de organizações trabalharem em conjunto, com um público curioso e interessado, na construção do que se poderá caracterizar como Memória Colectiva.

Propusemo-nos, assim, analisar a ampla gama de desafios e novas oportunidades, que o grande potencial do *crowdsourcing* pode constituir para as instituições de memória, recaindo o estudo de caso sobre o projecto Memórias da I Guerra 1914-1918 do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – IHC/FCSH, com especial incidência na iniciativa *Dias da Memória*.

**Palavras-chave:** arquivos digitais, *crowdsourcing*, património material e imaterial da Humanidade, Inteligência Colectiva, Memória Colectiva, indexação, folksonomias, *Web 2.0*, Projecto Dias da Memória

***The use of crowdsourcing as a valid model for information retrieval and building of  
Collective Memory:***

*The Project Memories of World War I 1914-1918, the Days of Remembrance*

**ABSTRACT**

*As a great part of the cultural heritage, tangible and intangible of Humanity is not documented, in recent years, some institutions took initiatives towards safeguarding such heritage and that is dispersed and that the most of times can only be reached by individuals who for some reason are linked to a given time in history. With this purpose, in the last decade, an increasing number of institutions in the heritage area have been exploring the potential of crowdsourcing through their online platforms, because never, as in recent years, it was so easy to get to so many people in such short period.*

*This research intend to study the possibility of archival institutions to reinvent themselves and, in collaboration with other type of organizations, work together with a curious and interested public in the building of what can be characterized as collective memory.*

*In this way we proposed to examine the wide range of challenges and opportunities that the great potential of crowdsourcing opens can be for memory institutions, being our case study about the project First World War Memories 1914-1918 from the Institute of Contemporary History of the Faculty of Social and Human Sciences of the New University of Lisbon – IHC/FCSH, with a focus on the initiative Days of Remembrance.*

**Keywords:** *digital archives, crowdsourcing, folksonomies, tangible and intangible culture heritage, Collective Intelligence, Collective Memory, indexing, folksonomies, Web 2.0.*

# Índice

Introdução.....	1
Capítulo I: Problemática e metodologia.....	3
I.1. Apresentação do problema.....	3
I.2. Objectivos do estudo.....	3
I.3. Relevância do estudo .....	4
I.4. Limitações do estudo .....	5
I.5. Metodologia .....	6
Capítulo II – Enquadramento teórico.....	7
II.1 A Memória Colectiva e o Património Cultural Material e Imaterial da Humanidade .....	7
II.2 A Recuperação da informação – o recurso à Inteligência Colectiva .....	11
II.3 Novos paradigmas no acesso à informação. A <i>Web 2.0</i> . .....	13
II.3.1 A <i>Web 2.0</i> e os Arquivos .....	17
Capítulo III – <i>Crowdsourcing</i> .....	21
III.1. Definição e construção do conceito de <i>crowdsourcing</i> .....	21
III.2. O <i>crowdsourcing</i> no âmbito dos GLAM ( <i>Galleries, Libraries, Archives and Museums</i> ) ...	23
III.3. Folksonomias.....	30
III.4 Exemplos de algumas iniciativas de <i>crowdsourcing</i> no âmbito das ciências sociais .....	35
Capítulo IV – Estudo de caso .....	45
IV. 1. Descrição e enquadramento do estudo de caso.....	45
IV. 1.1. O projecto <i>Memórias da Guerra 1914-1918</i> .....	46
IV. 1. 2. <i>Europeana 1914-1918</i> .....	48
IV. 1. 3. Os <i>Dias da Memória</i> .....	50
IV.1.3.1. Processo de implementação .....	51
IV.1.3.1.1. Registo.....	52
IV.1.3.1.2. Entrevista .....	52
IV.1.3.1.3. Digitalização .....	52
IV.1.3.1.4. Último passo: tornar o material disponível via <i>Europeana 1914-1918</i> .....	53
IV.2. Apresentação de dados.....	53
IV.2.1. Tratamento da informação .....	56
IV.2.2 Análise do tratamento da informação dos documentos fotográficos.....	58
IV.3. Apresentação e discussão dos resultados .....	64

Conclusão .....	71
Referências bibliográficas .....	73
Lista de figuras .....	85
Lista de gráficos.....	86
Lista de tabelas.....	87
ANEXOS .....	i
Anexo A – Tabela de palavras-chave.....	iii
Anexo B – Desenhos.....	v
Anexo C – Carta .....	vii
Anexo D – Objectos .....	viii
Anexo E – Passaporte .....	xi
Anexo F – Retratos .....	xii
Anexo G – Fotografias-postal .....	xv
Anexo H – Ficha de documento ou objecto .....	xvii
Anexo I – Fotografias da iniciativa Dias da Memória .....	xix



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**GLAM** – *Galleries, Libraries, Archives and Museums*

**ID** – *Identification Number*

**IHC/FCSH** – Instituto de História Contemporânea/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

**ISAD (G)** - *General International Standard Archival Description*

**JPEG** - *Joint Photographic Experts Group*

**NARA** - *National Archives and Records Administration*

**NOAA** - *National Oceanic and Atmospheric Administration*

**ODA** - Orientações para a Descrição Arquivística

**PDF** – *Portable Document Format*

**SEPIADES** - *Saveguard European Photographic Images for Access* (SEPIA)

## Introdução

Na última década, a Internet tem-se vindo a afirmar como a ferramenta por excelência de disseminação da informação, o que torna imprescindível que as instituições arquivísticas marquem presença nesta nova era digital, nomeadamente através do desenvolvimento de páginas *Web* que traduzam uma extensão dos arquivos no espaço digital aproximando as instituições dos seus utilizadores. Em termos tecnológicos, a Internet tem um papel preponderante porque permite aos arquivos tornar acessíveis, mesmo que virtualmente, os seus fundos, e por esta razão várias instituições culturais como arquivos, bibliotecas e museus, têm vindo a utilizar novas ferramentas com o intuito de se aproximarem do seu público.

Na presente investigação procurou reflectir-se sobre a mudança de paradigma no acesso à informação, a interacção digital e as novas formas de sociabilização proporcionadas pela *Web 2.0* como instrumento ao dispor da “Sabedoria das Multidões” caracterizada por uma redefinição de espaço e de comunidade, observando-se em paralelo como o envolvimento das instituições com as ferramentas *Web 2.0* permite o estabelecimento de uma relação mais próxima e informal entre os arquivos e a comunidade e tem vindo a dar aos cidadãos um papel mais activo e participativo.

Os utilizadores já não se contentam em ser consumidores passivos de informação, sendo a tendência actual, a contribuição do utilizador na criação de conteúdos, numa experiência que na maior parte das vezes acaba por se tornar colectiva. Neste contexto e através dos mecanismos possibilitados pela *Web 2.0* surgem as redes sociais e todas as possibilidades de comunicação a ela inerentes, no entanto a complexidade dos conteúdos criados pelo extraordinário volume de informação que daqui decorre, leva-nos a colocar algumas questões sobre as formas de organização e recuperação de toda esta informação para memória futura.

O modo como facilmente nos apropriarmos de conteúdos informacionais como textos, fotografias, vídeos ou música está a inverter a forma como gerimos a informação, os nossos dados e até a maneira como arquivamos a nossa “memória”. Esta dinâmica tem vindo a ser observada por quem trabalha em arquivos, bibliotecas e

museus, como se cruzam ou podem cruzar alguns destes aspectos: tecnologia, participação individual, e a salvaguarda do património, é algo que iremos desenvolver seguidamente.

## Capítulo I: Problemática e metodologia

### I.1. Apresentação do problema

Inúmeros objectos, à semelhança do que acontece com os documentos textuais, fazem parte da herança histórica e cultural do Homem, o seu papel e importância tem reflexo no crescente número de exposições e no seu uso frequente por investigadores. Porque uma parte da memória se perde com o desaparecimento dos objectos e pelo facto de estes permitirem a interpretação de momentos históricos, a sua relevância nos arquivos é indiscutível.

Através destes artefactos é permitido ao homem arquivar o passado, materializando a memória, o problema é que a necessidade de preservar a informação contida neste tipo de património por parte das instituições colide muitas vezes com o desconhecimento sobre o seu conteúdo.

O objectivo geral deste trabalho é tentar compreender em que medida é que o recurso ao *crowdsourcing* possibilita o processo de organização e recuperação da informação cultural, histórica e social através da análise de formas de colaboração participativa na construção da Memória Colectiva.

A reflexão apresentada sustenta-se na concepção teórica consolidada na literatura especializada sobre *crowdsourcing* e sobre outros conceitos associados por relevância, tais como: Inteligência Colectiva, Sabedoria das Multidões e *Web 2.0*.

### I.2. Objectivos do estudo

São propósitos desta análise: estudar o uso do *crowdsourcing*, compreender os processos que permitem construir a Memória Colectiva, e neste contexto conhecer de que modos poderão as instituições ter mais visibilidade, como pode ser optimizado o processo de recuperação da informação, reflectir sobre o trabalho de equipa e também sobre a disponibilização do saber individual em prol da comunidade.

A partir da observação do fenómeno do *crowdsourcing*, o objectivo é compreender de que maneira poderá evoluir o processo de construção da Memória

Colectiva e debater a melhor forma de a trazer à evidência nas redes sociais da *Web*, debruçando-nos sobre a questão de saber que contribuições podem os participantes e as comunidades a que pertencem fazer no âmbito histórico e cultural e, inversamente, como podem investigadores fazer uso desse conhecimento.

Pretende-se analisar as potencialidades de interacção propiciadas pelas ferramentas *Web 2.0* como solução para a difusão de conteúdos, identificando exemplos de *crowdsourcing* e reflectindo sobre a utilidade destes projectos na construção de uma Memória Colectiva.

### **I.3. Relevância do estudo**

A ideia de Memória Colectiva está intimamente relacionada com a recolha do património (material e imaterial) da Humanidade que se encontra disperso pelos indivíduos e que é transmitida de geração em geração. O ser humano constrói as suas memórias, não só com base naquilo de que se lembra, mas também naquilo que os membros da sua comunidade recordam.

A preocupação com a preservação da identidade sempre inquietou o Homem, que incessantemente tem procurado meios e formas de transmitir a sua história e cultura às gerações seguintes, a questão é que uma parte significativa desse património (memórias e objectos) não se encontra documentada nas chamadas instituições de memória. O texto da Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da Humanidade<sup>1</sup> conduz à conclusão que estas instituições não conseguem salvaguardar a memória na sua totalidade, que se os arquivos, bibliotecas e museus são em primeira instância os responsáveis pela preservação dos referidos “documentos”, é o Homem enquanto ser social, que possui o conhecimento para completar a História.

Para além das necessidades básicas, o ser humano tende a ser motivado por questões não financeiras, os indivíduos identificam-se muitas vezes com causas e projectos que lhe proporcionem um sentido de pertença, que estabeleçam ou

---

<sup>1</sup> Texto disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/en/convention>

sustentem a sua identidade e é nesse âmbito que, arquivos, bibliotecas e museus, que têm inerente à sua missão a salvaguarda do património, têm muito para oferecer como guardiões da memória.

Analisando alguns conceitos e teorias de forma a contribuir para a interpretação do fenómeno, o objectivo deste trabalho é chamar a atenção para a prática do *crowdsourcing* na área das ciências sociais, no intuito de dar pistas para novos caminhos de colaboração entre as instituições e os seus públicos.

Daqui decorre a necessidade de investigar a viabilidade do *crowdsourcing*, como fenómeno contemporâneo que é, para que as instituições e o público possam descobrir juntos a sua herança histórica e cultural.

#### **I.4. Limitações do estudo**

Uma das limitações encontradas tem a ver com o facto de que à semelhança de outros estudos sobre fenómenos sociais relativamente recentes, a literatura existente sobre *crowdsourcing* ainda é relativamente escassa e a discussão sobre a sua definição e enquadramento prematura.

Outra restrição prendeu-se com questões de limitação de tempo para a investigação do fenómeno, assim o estudo de caso circunscreveu-se a uma parte do projecto *Memórias da I Guerra 1914-1918* do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – IHC/FCSH, denominado *Dias da Memória*.

De referir ainda, que a metodologia adoptada não seguiu o curso mais convencional, como a realização de inquéritos ou entrevistas, esta opção foi deliberada e decorreu do objectivo de analisar a experiência tida no decurso da participação no projecto *Dias da Memória* que será desenvolvida no Capítulo IV, respeitante ao estudo de caso.

## I.5. Metodologia

Numa primeira etapa, e com base numa pesquisa bibliográfica, pretende-se compreender e enquadrar o conceito do *crowdsourcing*, abrangendo algumas investigações conduzidas por pesquisadores sobre o tema e tendo como finalidade determinar o referencial teórico e o seu contexto de pesquisa. O *corpus* da pesquisa foi composto por teses, e artigos publicados em periódicos científicos.

Porque o objectivo é compreender as particularidades de um fenómeno recente, teorias sobre temáticas relacionadas serão utilizadas para encontrar um padrão, pois os preceitos que o regem são ainda muito ténues e as suas características muito diversificadas.

Tendo em conta a característica do projecto, pode classificar-se a natureza do estudo como exploratória, uma vez que se pretende fazer um levantamento de exemplos concretos relacionados com o estudo de caso. Foi feita uma pesquisa *online* de projectos de *crowdsourcing*, com o intuito de expor algumas vertentes em que estes estão a ser utilizados no domínio das ciências sociais.

Depois de feita uma análise ao estado da arte e de modo a enquadrar o estudo de caso, segue-se a informação descritiva do projecto, onde é relatado o desafio em causa. O estudo de caso caracteriza-se pelo seu carácter descritivo e particular, através dele pretendeu-se compreender melhor a particularidade do fenómeno, tentando obter assim critérios de validade e fiabilidade. Utilizando a metodologia qualitativa, o interesse recaiu sobre o processo em si, e a análise dos dados induzida de modo a tentar compreender os resultados decorrentes da iniciativa.

Apresentada a discussão dos resultados, procede-se ao confronto da literatura com as conclusões tiradas do estudo de caso, tentando determinar quais os padrões recorrentes em projectos de *crowdsourcing*. Por fim e como conclusão são sugeridos novos ângulos e possibilidades de investigação para o futuro.

## Capítulo II – Enquadramento teórico

### II.1 A Memória Colectiva e o Património Cultural Material e Imaterial da Humanidade

A perda da memória compromete a identidade tanto individual como colectiva da Humanidade, a História que é feita de pessoas e a sua revisitação deve permitir compreendê-la em todas as suas dimensões, como é referido por Solanilla (2008, p. 106), *“Heritage is something that explains and helps us to understand who we are and what our identity is.”*

Na perspectiva do historiador Jacques Le Goff (2000, p. 57), a memória é *“um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou colectiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.”* Nesta linha de pensamento também Solanilla (2008, p. 104), considera que o conceito de herança está directamente ligado ao conceito de identidade, e sustentando esta ideia considera que devemos compreender a identidade cultural como o resultado de uma experiência histórica colectiva. Ainda nesta reflexão<sup>2</sup> a investigadora preconiza o termo instituições de memória a todas as instituições e organizações com diferentes responsabilidades na salvaguarda do património da humanidade, que segundo a autora (p. 107), têm a tarefa extremamente dificultada devido ao facto de o património imaterial ser algo em constante evolução.

Assmann (1995, p. 129), por exemplo, que considera que a memória cultural é um ponto fixo, que não se altera com o passar do tempo, aborda o conceito de “figuras de memória” e tem como referência as práticas que asseguram a sua transmissão, para o egiptólogo: *“These fixed points are fateful events of the past, whose memory is maintained through cultural formation (texts, rites, monuments) and institutional communication (recitation, practice, observance).”* Laura Solanilla amplia este campo e refere que relatos biográficos e outras histórias devem ser considerados como manifestações do Património Cultural Imaterial da Humanidade (2008, p. 104).

---

<sup>2</sup> SOLANILLA, Laura - The Internet as a Tool for Communicating Life Stories. International journal of intangible heritage, p. 103-116



Da leitura destas opiniões, decorre então a sugestão de podermos considerar que a História oral (por exemplo, o registo das narrativas dos sobreviventes dos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial) tal como os textos, as ruínas ou os artefactos são fontes de história.

A realidade é que os seres humanos produzem constantemente “documentos”, que a sociedade e as instituições de memória, têm a obrigação de conservar e transmitir às novas gerações, exemplo disto, e remetendo-nos para o estudo de caso que mais à frente será analisado, é a necessidade da recolha de testemunhos dos familiares dos soldados que participaram no conflito de 1914-1918 para desenvolver um conhecimento mais aprofundado da História e do impacto da I Grande Guerra em Portugal.

Para Solanilla (2008, p. 114), histórias pessoais e memórias podem ser consideradas como uma significativa categoria do Património Cultural Imaterial da Humanidade e a transmissão dessa informação apresenta tanto um desafio, como uma oportunidade para as instituições de memória, ajudando a construir relações mais estreitas entre as instituições e a comunidade. Biografias, histórias pessoais na forma de testemunhos orais e objectos encaixam perfeitamente na definição de património imaterial concertada no artigo 2.º do texto da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, resultante da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO), reunida em Paris em 2003.<sup>3</sup>

Numa reflexão sobre o conceito de documento, Le Goff (2000, p. 103) considera que *“A memória colectiva e a sua forma científica, a História”*, são resultado de uma construção, sendo *“os materiais que a imortalizam os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador”*, considerando que da mesma forma que o documento se pode tornar monumento, o monumento pode ser tratado como um documento dependendo da valência que o historiador fizer do material que

---

<sup>3</sup> <http://www.unesco.org/culture/ich/en/convention>

Article 2 – Definitions

For the purposes of this Convention,

1. The “intangible cultural heritage” means the practices, representations, expressions, knowledge, skills – as well as the instruments, objects, artefacts and cultural spaces associated therewith – that communities, groups and, in some cases, individuals recognize as part of their cultural heritage.

lhe é disponibilizado e que *“Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória colectiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente.”*, conclui que, para que ele possa contribuir para uma história total, é fundamental não o isolar do conjunto de monumentos de que faz parte.

O documento tem na sua finalidade superar os limites da memória humana, através dele é permitido obter um novo conhecimento, mas porque a revolução na tecnologia da informação e das comunicações mudou de forma dinâmica as relações sociais, estas mudanças implicam também uma reconsideração do conceito tradicional de documento.

As imagens fotográficas por exemplo, são parte da herança cultural visual do ser humano, o seu papel e importância reflecte-se no crescente número de exposições e publicações com conteúdos fotográficos, assim como o seu uso frequente por investigadores. Para Le Goff (2000, p. 48), *“entre as manifestações mais importantes ou significativas da memória colectiva, encontra-se o aparecimento (...) da fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo (...) e da evolução cronológica.”*

Também segundo Kossoy (2006)<sup>4</sup>, a fotografia é um instrumento eficaz *“de descoberta e análise dos cenários e factos do passado”; para o pesquisador, o potencial informativo da fotografia “(...) poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos sociais, políticos, culturais, que circunscreveram no tempo e no espaço o acto da tomada do registo. Caso contrário essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória.”*

Numa perspectiva histórica, podemos afirmar que a fotografia tem como atributo a capacidade de fixar um momento para a posteridade, uma fotografia da I Guerra Mundial, por exemplo, retrata aquele instante de modo inequívoco, e é na sua categoria de documento, inegável para qualquer investigador, que podemos extrair informações sobre determinado evento da História da Humanidade. A extensão do

---

<sup>4</sup> KOSSOY, Boris – Imagem fotográfica e história. *História Viva*, Ed. 27 (2006).

estudo da História a novos acontecimentos, leva à busca de diferentes fontes, ganhando as fotografias, por exemplo, um lugar ao lado de textos literários e testemunhos orais e se considerarmos que qualquer objecto é um documento, no caso da fotografia podemos dizer que é um objecto e simultaneamente um documento pelo facto de permitir a compreensão e a análise de momentos históricos.

Diante deste quadro Sanchez Vigil (2001, p. 265), dá como exemplo os testemunhos fotográficos da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), que geraram milhões de documentos. O registo visual tem o potencial de permitir rever narrativas pessoais de maneira significativa, podendo de certo modo fornecer aos pesquisadores uma forma de obterem uma visão histórica, porque as narrativas pessoais aliadas a registos visuais podem corroborar histórias escritas, mas também contar novas histórias. Quanto ao novo formato digital do documento fotográfico, considera o autor que o futuro do documento fotográfico, porque a cada minuto milhões de imagens circulam na internet, é o presente. Para o investigador esta transformação revalorizará os documentos fotográficos antigos que devido ao facto de serem únicos serão custodiados por arquivos, bibliotecas e museus com a terminologia oficial de “fundos fotográficos antigos” (p. 267).

À semelhança de outro tipo de conteúdos, com a migração do suporte analógico para o digital, o processo de disseminação exponencial deste tipo de informação no espaço virtual, através de ferramentas como o *Facebook* e o *Flickr* tem sido facilitado e como “novos documentos” revestem-se hoje de grande importância para os *sites* de arquivos, bibliotecas e museus.



**Figura 1 – Esquema do processo de análise do documento fotográfico**

Apesar da sua volatilidade, o património cultural imaterial reveste-se de extrema importância na transmissão de conhecimento entre gerações. Considerando a dependência entre o património cultural imaterial e o material, a sua salvaguarda é sem dúvida um garante de preservação da Memória Colectiva da Humanidade e a Internet permite a criação de redes institucionais, bem como a criação de projectos em parceria de diferentes instituições de memória com este objectivo comum e como refere Solanilla (2008, p. 110), *“Social networks are developing rapidly at both individual and community level between diverse groups, such as indigenous peoples, older generations recording their life experiences, extended families interested in their own genealogy, family history and family memories, and people interested in accessing memories of particular issues or events that they themselves do not remember.”*

A verdade é que nesta era digital, a tecnologia criou novas vias para divulgação da memória, integrando memórias passadas num novo contexto, o da Memória Colectiva, porque a realidade, e como já referimos, é que nunca foi tão fácil chegar a tantos, de uma forma tão imediata.

## **II.2 A Recuperação da informação – o recurso à Inteligência Colectiva**

A análise do conhecimento por ser uma questão complexa exige uma abordagem interdisciplinar, como tal, para o estudo das ciências da informação tem de haver diálogo entre várias disciplinas, importando modelos, teorias e métodos de diferentes áreas do saber. Nesta linha de pensamento afigurou-se importante uma breve abordagem ao conceito de Inteligência Colectiva e à sua importância actual na recuperação da informação.

Para Tim O'Reilly (2005, p. 1), *“The central principle behind the success of the giants born in the Web 1.0 era who have survived to lead the Web 2.0 era appears to be this, that they have embraced the power of the web to harness collective intelligence.”* O'Reilly identificou desta forma o aproveitamento da Inteligência Colectiva em que as tecnologias *Web 2.0* são projectadas para permitir e incentivar a participação, permitindo aos utilizadores adicionar, modificar e melhorar a informação tornando a Internet numa experiência participativa.

Neste contexto, e como mobilizador do esforço coordenado da multidão surge o conceito de Inteligência Colectiva de que fala Pierre Lévy, segundo o qual o conhecimento é mais assertivo quando recebe contributos da multidão. Este conceito foi popularizado no livro *The Wisdom of Crowds* de James Surowieski, publicado em 2004, e segundo o autor pode ser agrupado de acordo com três objectivos principais: o conhecimento, a cooperação e a coordenação.

As abordagens teóricas sobre o conceito da Inteligência Colectiva não são de uma forma geral exploradas pelas ciências da informação, possivelmente pelo facto de a área de estudo percursora do tema ser a filosofia, por isso quando abordamos os novos paradigmas de acesso à informação proporcionados pela *Web 2.0*, que tem influenciado de forma significativa a disseminação do conhecimento, torna-se incontornável a necessidade de uma análise mais atenta sobre o assunto.

Para Lévy (1997, p. 39) é importante a identificação das competências individuais e a compreensão das mesmas nas suas multiplicidades. O autor afirma que a Inteligência Colectiva deve ser incessantemente valorizada e que é necessário é encontrar a sinergia em que o saber do indivíduo pode ser considerado valioso e importante para o desenvolvimento de um determinado grupo. Na proposta idealizada pelo filósofo francês a Inteligência Colectiva é: *“uma inteligência globalmente distribuída, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que conduz a uma mobilização efectiva das competências.”* (1997, p. 38)

Fundamentando-se no reconhecimento de que, cada ser humano sabe alguma coisa, mas ninguém sabe de tudo, e ao mesmo tempo, de que todo o conhecimento está presente na humanidade, considera que a mobilização efectiva das competências só será alcançada se os indivíduos agirem como grupo, *“deixando entrever um outro espaço - o Espaço do saber”*.

Para Levy, com o fenómeno da popularização da Internet, a humanidade caminha para a construção de um novo espaço antropológico, o espaço do saber, ou ciberespaço, no qual todos os seres humanos estarão interligados em tempo real. Para o filósofo é somente nesse espaço, que o projecto da Inteligência Colectiva será possível. O ciberespaço permite que os indivíduos se mantenham interligados independentemente do local geográfico em que se situam, verificando-se a

desterritorialização do conhecimento, funcionando como suporte ao desenvolvimento da Inteligência Colectiva.

O século XXI marca o nascimento de uma nova sociedade, aproveitando o espaço digital ou ciberespaço e no que diz respeito às mudanças na forma de comunicação, na sua obra Castells<sup>5</sup> acredita que estamos numa época de transição para um novo paradigma em que as novas formas de participação social se organizam em torno da tecnologia da informação.

Nesse cenário onde a colaboração é a chave da construção da Inteligência Colectiva, a criação e a partilha de conhecimento por meio das ferramentas *Web 2.0* requer também dos profissionais da informação novas posturas, novos saberes e novas competências para a gestão e recuperação da informação.

### **II.3 Novos paradigmas no acesso à informação. A *Web 2.0*.**

Vivemos um período em que a informação é imensurável, de acesso momentâneo e tendencialmente gratuita, no entanto, o valor já não está na informação, mas no filtro, na triagem da informação certa, da informação que é relevante.

O processo de recuperação de informação implica uma indexação e um arquivamento eficaz e com o crescimento global e significativo do volume de documentos publicados e a necessidade de difusão imediata da informação, a tarefa de gerir e recuperar a informação em tempo útil ganhou outra amplitude.

As plataformas que estiveram na origem do conceito de *web 2.0* vieram permitir uma mudança de paradigma no que respeita à disseminação da informação, a Internet como veículo de comunicação corresponde, do ponto de vista sociológico à necessidade do ser humano em partilhar informação e vive-se um período de colaboração social a partir dela, sendo impossível escapar ao seu impacto.

A transmissão da informação permitida pela Internet veio permitir que os indivíduos possam contribuir com as suas ideias, acedendo a espaços de Inteligência

---

<sup>5</sup> Sobre esta matéria sugere-se: CASTELLS, Manuel - A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.

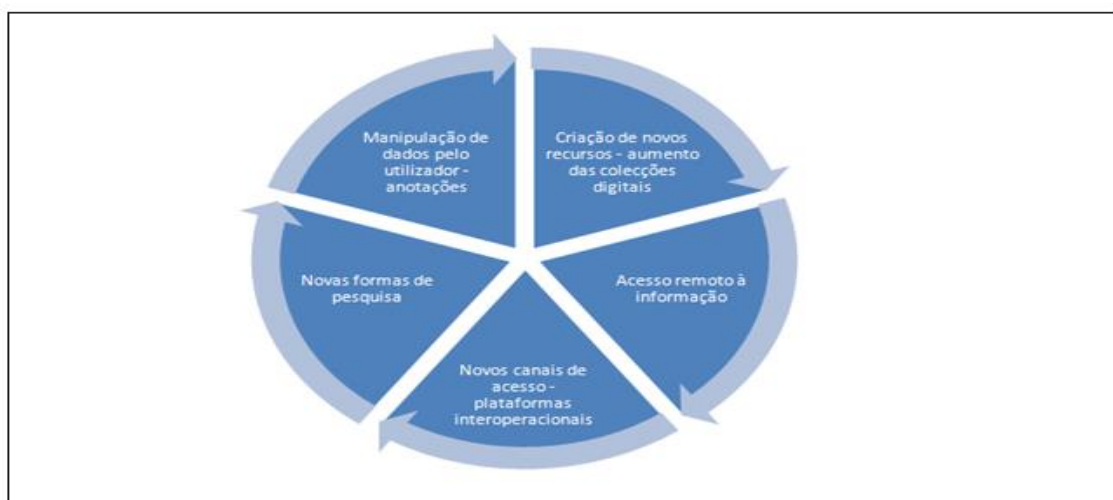
Colectiva, de tal modo que, para as novas gerações, a absorção desta prática se tornou comum. Estas novas possibilidades de acesso à informação tornaram-se um catalisador para a colaboração entre os indivíduos levando ao surgimento de inúmeros projectos em que os utilizadores se tornam eles próprios criadores de conteúdos.

A diferença entre as tecnologias da *Web 1.0* e as da *Web 2.0* reside no facto de que, com as ferramentas desta última os indivíduos são simultaneamente consumidores e produtores de informação, com esta mudança de paradigma os membros do público deixaram de ser apenas utilizadores e passando a ser criadores, co-curadores, catalogadores ou mesmo editores de informação. Através desta nova forma de participação, o consumidor de informação pretende estar envolvido, contribuir e acima de tudo ser produtor de conteúdos, obtendo deste modo a atenção e o reconhecimento da comunidade.

O surgimento de tecnologias cada vez mais sofisticadas oferece uma infinidade de recursos de pesquisa permitindo uma interacção directa entre os utilizadores e os sistemas que recorrem a interfaces cada vez mais amigáveis. A utilização destas ferramentas sociais contribui significativamente para a construção do conhecimento o que se traduz num ambiente colaborativo instantâneo e espontâneo, onde o objectivo é a partilha de informação, sendo que o novo desafio que se apresenta não é unicamente produzir mas também difundir e partilhar informação.

Estas tecnologias têm facilitado a disseminação e troca de informações de forma imediata, excluindo possíveis limitações como a dispersão geográfica e agregando vantagens para grupos de pessoas que partilham os mesmos interesses ou ideias, possibilitando a formação de comunidades de utilizadores, chamadas “comunidades virtuais”.

A *Web 2.0* reflecte deste modo uma nova dimensão da comunicação humana, desafiando os indivíduos e as organizações a aumentarem a eficiência, principalmente na produção e disseminação do conhecimento. Esta mudança levou a uma reconsideração do ciclo da informação que veio interferir nos prazos de produção, de disseminação e de tempo útil da informação.



**Figura 2 – Esquema do ciclo da informação**

Este aspecto é extensivo aos utilizadores dos arquivos que esperam que os espólios dos mesmos estejam disponíveis *online*, o que levou os próprios arquivos a explorar quais dessas ferramentas podem atender melhor às necessidades dos seus utilizadores. Como consequência desse trabalho, verificou-se o desenvolvimento de serviços oferecidos pela *Web* pautados por premissas de agilidade e interacção com o público.

Com base em alguns exemplos de projectos de *crowdsourcing* que serão apresentados no ponto 4 do Capítulo III, constatou-se que a Internet é um excelente meio para recolher e agregar memórias, criando mecanismos para que os utilizadores possam constituir-se como consumidores mas também como produtores de informação. É notório que os projectos colaborativos que incorporam ferramentas da *Web 2.0* apresentam um maior índice de participação devido à facilidade com que é possível coordenar acções entre instituições e indivíduos geograficamente dispersos.

Segue um breve resumo de alguns deste tipo de ferramentas:

**Blogs (ou Web logs)** - Páginas criadas e mantidas por autores individuais (*bloggers*) que versam sobre diferentes temáticas, constituídas por textos ou imagens, incluindo *links* para sítios *Web* de interesse e comentários do autor.

**RSS feeds** - São um formato normalizado para a agregação de conteúdos *Web* que facilitam a consulta e a partilha de informações sendo que periodicamente estão sujeitas a alterações e actualizações. Através desta ferramenta os utilizadores tomam



conhecimento das actualizações feitas em qualquer página *Web* sem terem de visitar directamente a página. Esta ferramenta é muito utilizada em áreas como a comunicação social ou o marketing.

**Ferramentas de gestão de redes sociais *online*** - Ferramentas construídas a partir dos princípios que norteiam a *Web 2.0* e que permitem a criação de redes sociais como o Facebook, o Hi5 ou o MySpace.

**Ferramentas de partilha de recursos** - São ferramentas *online* que permitem a partilha de recursos como vídeos ou imagens. Como exemplos podemos referir o *Flickr* que tem como objectivo a partilha *online* de fotografias entre uma comunidade de utilizadores ou o popular *Youtube* para partilha e visionamento de vídeos.

***Podcasts*** - É um mecanismo de publicação *online* de ficheiros digitais (áudio ou vídeo) e distribuídos em formato RSS e que permite aos utilizadores acompanhar a sua actualização.

***RSS feeds*** - É um padrão desenvolvido em linguagem XML que permite a agregação de conteúdos *Web* que permite a divulgação de informações, através desta ferramenta os utilizadores tomam conhecimento das actualizações feitas em qualquer página *Web*. Esta ferramenta é muito utilizada em áreas como a comunicação social ou o marketing.

***Social Tagging*** - Consiste na prática de atribuir palavras-chave (tags) a recursos digitais como textos, imagens ou vídeos com objectivo de facilitar a recuperação da informação, quando interligadas constituem folksonomias, que são sistemas de classificação construídos socialmente.<sup>6</sup>

***Social bookmarking*** - Comumente designados “favoritos”, é um sistema que permite ao utilizador criar uma lista de *links* para páginas *Web* que são alojados *online* de forma pública e como tal podem ser partilhados por outros utilizadores do mesmo sistema.

***Wikis*** - São sítios para inserção de conteúdos colaborativos, onde o autor pode acrescentar, editar ou apagar os seus próprios conteúdos a qualquer momento. É

---

<sup>6</sup> Este fenómeno será desenvolvido no ponto 3 do Capítulo III.

também permitindo que qualquer pessoa possa editar ou apagar conteúdos de outros autores num esforço colectivo.

### **II.3.1 A *Web 2.0* e os Arquivos**

Arquivos, bibliotecas e museus têm uma longa história de participação e envolvimento com o seu público e a *Web 2.0*, como já foi mencionado, oferece aos arquivistas uma oportunidade extraordinária para comunicar com os seus utilizadores. Como recurso fundamental para o desenvolvimento da missão dos arquivos, a *Web 2.0* tem o potencial de maximizar esta dinâmica, aumentando o número de oportunidades de colaboração.

A *Web 2.0* tem vindo a mudar não apenas a maneira como os arquivistas interagem tecnologicamente com os seus utilizadores, mas também a mentalidade e as competências necessárias a um arquivista-século XXI. Através destas novas formas de acesso e pesquisa aos acervos, aumentou a proximidade e a interação entre as instituições e o seu público de forma a poderem atender de forma mais eficaz as necessidades dos utilizadores independentemente da sua localização geográfica.

Neste contexto, torna-se imprescindível que as instituições arquivísticas marquem presença na nova era digital, sendo estas novas formas de comunicação e difusão aliados importantes para a sua missão, pois constituem instrumentos de trabalho extremamente eficazes na recuperação da informação. Para levar a cabo esta missão, é também cada vez mais importante que as instituições e os profissionais desta área estejam aptos a aproveitar o potencial em constante renovação destas novas ferramentas.

A digitalização em massa de documentos pelas instituições tem sido crucial para assegurar que os seus fundos se tornem acessíveis e possam ser partilhados através deste novo espaço virtual e neste momento, presenciamos uma transição dos registos à guarda das instituições para conteúdos digitais, transformando o mundo virtual numa vasta sala de referência.

Os arquivos digitais apresentam-se como uma manifestação de um novo paradigma de acesso à informação, permitindo comunicar com um público cada vez

maior e mais diversificado onde arquivistas e investigadores, numa nova narrativa, se aliam na construção de uma grande variedade de projectos tirando partido da multiplicidade e velocidade das plataformas que a *Web* proporciona. Estes novos meios de difusão da informação são talvez a mudança mais profunda da História da última década, e esta mudança tem indícios evidentes de aceleração.

Estes desenvolvimentos vêm proporcionar o acesso dos utilizadores às colecções, mas levantam para os arquivos e arquivistas, que estão claramente a viver uma transição de um ambiente físico para um cenário virtual, com todas as vantagens e desvantagens a ela inerentes, inúmeras questões sobre a preservação digital, a validação e a disponibilização *online* dos documentos.

Os profissionais da informação têm projectado sistemas de recuperação de informação que envolvem a identificação e representação do conteúdo da informação e de documentos usando sistemas descritivos para que haja uma recuperação relevante da informação. O problema é que os documentos digitais levam à necessidade de se pensar em novos modelos para a organização da informação, o que implica uma mudança de técnica por parte dos documentalistas que tratam a informação com o objectivo de encontrar opções para que cada utilizador encontre o que procura, através de diferentes combinações, estabelecendo estruturas que permitam ao utilizador navegar no seu universo particular.

Porque os documentos digitais se prestam a diferentes interpretações, constata-se actualmente uma grande preocupação com o resultado do processo documental, mais concretamente com a satisfação do utilizador. A tendência actual é para avaliar as suas tendências e atender às suas necessidades (procedendo à análise de conceitos padrão de extracção de conteúdos, estudo de vocabulário e pontos de acesso), por isso a reavaliação deste método apresenta-se como um ponto definidor da necessidade de alterar procedimentos quanto ao processo de indexação dos documentos.

A complexidade dos problemas actuais desafia as soluções convencionais no domínio da informação porque os fluxos de informação seguem em múltiplas direcções e requerem uma visão que seja integradora para emissores e receptores independentemente das suas limitações geográficas. O desafio é, portanto, para além

de uma resposta a essa expectativa, melhorar a experiência de pesquisa e navegação do utilizador, tendo em conta, a análise de conteúdo, mas também as tendências das ferramentas de análise contemporâneas.

Apresentadas que estão as principais questões que o advento da *Web 2.0* trouxe à gestão e recuperação da informação, vamos passar seguidamente à explicitação do conceito de *crowdsourcing* e à apresentação de alguns projectos que exemplificam como o mesmo pode ser utilizado no âmbito de iniciativas desenvolvidas por diferentes instituições. Será feita ainda uma referência às folksonomias, esquema representativo de descrição e recuperação de informação, que podem também elas constituir-se como instrumentos fundamentais de sinergia entre as instituições e o seu público.



## Capítulo III – *Crowdsourcing*

### III.1. Definição e construção do conceito de *crowdsourcing*

O *crowdsourcing* é uma forma de entender um determinado grupo de pessoas como um recurso produtivo, em que os seus conhecimentos, experiência ou recursos são utilizados em prol da realização de uma determinada tarefa. Partilha, troca de ideias e colaboração são os pilares base da ideia de *crowdsourcing*.

O termo em si deriva da agregação das duas palavras inglesas, *crowd*, que significa multidão e *sourcing*, quem vem de *source*, e que pode ser entendida como fonte, origem ou recurso, o conceito de multidão, o grupo de indivíduos, as suas características e a sua heterogeneidade será no entanto definido pela iniciativa ou projecto de *crowdsourcing* em concreto.

O conceito deriva do conceito *outsourcing*, que designa a compra de prestação de serviços no mercado fora de uma empresa. A junção da palavra *crowd* remete para uma multidão de indivíduos, pouco experientes ou especialistas que, estando em polos distantes devido à geografia, através dos mecanismos da Internet, podem em segundos, juntar-se em torno de uma tarefa ou serem mobilizados para um projecto.

O termo *crowdsourcing* foi mencionado pela primeira vez em 2005, pelos jornalistas Jeff Howe e Mark Robinson na abordagem da forma como as empresas estavam utilizar a Internet para recorrer à multidão, esta associação de *outsourcing* à multidão rapidamente levou à noção de *crowdsourcing*.

O conceito foi na realidade utilizado publicamente pela primeira vez por Jeff Howe num *post* do seu *blog*<sup>7</sup> no artigo *The Rise of Crowdsourcing* publicado na revista *Wired* alguns dias depois. Neste texto, Howe refere que o mundo da inovação está a mudar e a ser definido por amadores que agora têm acesso a ferramentas de Inteligência Colectiva e a novos meios de produção. Howe define *crowdsourcing* como “the act of a company or institution taking a function once performed by employees and outsourcing it to an undefined (and generally large) network of people in the form of an open call.”

---

<sup>7</sup> <http://crowdsourcing.typepad.com/cs/2006/06/crowdsourcinga.html>

Embora sendo um conceito relativamente novo, projectos como a *Wikipédia*<sup>8</sup> onde qualquer individuo registado no site pode contribuir com os seus conhecimentos através de um artigo relativo a qualquer tema, são ilustrativos do excepcional resultado que daqui pode decorrer.

Devido à falta de consenso na literatura consultada no que respeita à definição de *crowdsourcing*, tentou encontrar-se uma linha de raciocínio que integrasse as propostas definidas pelos diferentes autores. Tanto na literatura científica, como nas plataformas de internet e *blogs* são referenciadas múltiplas tipologias baseadas em diferentes critérios. Pretende-se através de uma revisão da literatura clarificar o fenómeno e o seu impacto, partindo a *posteriori* para a análise do fenómeno através do estudo de caso.

A primeira observação é que, embora haja um crescente de literatura sobre projectos de *crowdsourcing* específicos na área da gestão, existem poucos estudos na área das ciências humanas. Para Estellés-Arrolas e González-Ladron-de Guevara (2012, p. 11) *“The term “crowdsourcing” is a term in its infancy, which, as new applications appear, is undergoing a constant evolution.”*

Num trabalho de investigação, Estellés-Arrolas e González-Ladron-de Guevara (2012), encontraram inúmeras definições de *crowdsourcing*. A partir desse estudo, propuseram uma definição mais abrangente: *“From all the previous affirmations various common points can be taken: crowdsourcing is an online process that is distributed by the very nature of the Internet and it always involves the participation of the crowd. The rest of the characteristics depend on the proposed initiative.”* (p. 9).

O conceito surge frequentemente associado a uma acção – numa única direcção, na qual os indivíduos submetem informação com vista à resolução de uma tarefa, no entanto o *crowdsourcing* implica também uma relação entre a instituição e o colaborador, através da qual esta tenta angariar os contributos dos colaboradores, porque para que se verifique sustentação para uma iniciativa deste tipo têm de se verificar dois elementos: um apelo e uma multidão. Para Holley (2010, p. 2), *“Crowdsourcing uses social engagement techniques to help a group of people achieve a*

---

<sup>8</sup> <http://www.wikipedia.org/>

*shared, usually significant, and large goal by working collaboratively together as a group.”*

Em projectos de crowdsourcing a participação é não-discriminatória, a multidão é caracterizada por uma grande heterogeneidade e distingue-se do *outsourcing* pelo facto de ser executado por voluntários que usam o seu tempo livre para produzirem conteúdos, obtendo assim as suas próprias recompensas que não são de carácter remuneratório mas intelectuais, segundo afirma Evans (2007, p. 398), *“In this microlabor market, each individual chooses his or her job, selects his or her own hours, and earns his or her own psychic reward.”*

Existem vários potenciais benefícios associados ao *crowdsourcing*, no entanto é importante perceber quais as limitações da ferramenta e os seus pontos fracos. Apesar de o senso comum ditar que “duas cabeças pensam melhor que uma”, muitas vezes a vasta quantidade de informação fornecida pela multidão traz mais ruído que resultados.

Para que o *crowdsourcing* seja eficiente, as tarefas precisam de ser orientadas e claramente definidas. Alguns autores consideram que o crowdsourcing não é um método preciso, por exemplo, para filtrar resultados ou em casos em que o projecto que está a ser desenvolvido se relaciona com informação delicada.

As novas ferramentas participativas da *Web*, designadas por *Web 2.0*, permitem processos colaborativos numa escala sem precedentes, a realidade é que vivemos uma mudança de paradigma, colocando os documentos da nossa Memória Colectiva ao alcance de todos, a qualquer hora, em qualquer lugar. Para Eveleigh (2012, p. 2), *“participatory culture carries the potential, at least, to subvert not only the hierarchy of the catalogue, but also the power relationships between records, researchers and archivists.”*

### **III.2. O *crowdsourcing* no âmbito dos GLAM (*Galleries, Libraries, Archives and Museums*)**

A adaptabilidade do *crowdsourcing* é usada para uma grande variedade de actividades que podem assumir diferentes formas. Para Estellés-Arrolas e González-



Ladron-de Guevara (2012, p. 1) *"Depending upon the perspective and the definition used, certain initiatives classified by some authors as crowdsourcing, are not classified as such by others."* Esta adaptabilidade torna-o uma poderosa ferramenta para a concretização de projectos de grande dimensão em que a participação da multidão é fundamental, mas segundo os mesmos autores: *"The adaptability of crowdsourcing allows it to be an effective and powerful practice, but makes it difficult to define and categorize."* (2012, p. 1)

Com a nova era digital, um número crescente de instituições dos denominados *GLAM (Galleries, Libraries, Archives and Museums)* começaram a identificar a necessidade de digitalizar as suas colecções e as colocar em linha com o objectivo de as preservar e ao mesmo tempo disponibilizá-las e dá-las a conhecer ao grande público, através da exposição em ambiente digital. Evans (2007, p. 387) considera que neste momento os arquivistas estão enredados *"between an expanding volume of records and a growing public expectation that every page in every document is online and indexed."*

Para Zlodi e Ivanko (2013, p. 199), após os esforços iniciais para desenvolver políticas, metodologias e melhores práticas de transferência de colecções para o ambiente digital, pesquisadores e profissionais já começaram a investigar as possibilidades de comunicar essas colecções digitalizadas ao público, aproveitando as oportunidades que surgem a partir da digitalização e uma das abordagens que as instituições de património têm vindo a explorar com o objectivo de envolver o público nas suas actividades é o *crowdsourcing*.

No domínio histórico e cultural, isto significa convidar os membros do público, "a multidão", a indexar e classificar, transcrever ou organizar os conteúdos digitais das colecções a cargo destes organismos. As instituições rapidamente perceberam o potencial das ideias fundamentais subjacentes à *Web 2.0*, e muitos arquivos, bibliotecas e museus começaram a usar diferentes ferramentas, como *blogs* ou redes sociais para ampliar e melhorar a sua comunicação com os seus utilizadores.

O conceito de *crowdsourcing* é explorado na literatura científica relacionado com conceitos como "Inteligência Colectiva", "Sabedoria das Multidões", "computação humana", "computação social", entre outros. Autores como Bederson e Quinn (2011,

p.2) identificam três noções principais que compõem o campo da Inteligência Colectiva: computação humana, *crowdsourcing* e computação social. Estas três concepções caem no campo da Inteligência Colectiva, por terem o mesmo pré-requisito para uma implementação bem-sucedida: todas elas dependem de um grupo de participantes.

Alguns investigadores consideram que o termo *crowdsourcing* não é apropriado para muitos projectos de âmbito histórico e cultural e questionam a adequação do termo *crowd* e do termo *outsourcing*, porque as iniciativas na área do património, na maior parte dos casos, não envolvem grande multidões e não estão relacionadas com o trabalho de *outsourcing*. Para Owens (2013, p. 121): *“The most successful crowdsourcing projects in libraries, archives, and museums have not involved massive crowds and they have very little to do with outsourcing labor.”*

Apesar destes argumentos, podemos deduzir que a ideia original de aproveitar a Inteligência Colectiva através da *Web 2.0* encontrou a sua aplicação no património cultural, Owens (2013, p. 121) argumenta ainda que este tipo de iniciativas dentro do sector cultural são bem-sucedidas, principalmente porque assentam num convite à participação de interessados tendo por base uma longa tradição de voluntariado e de envolvimento entre as instituições e o seu público: *“These projects succeed by inviting participation from engaged members of the public. The success is built upon a long-standing tradition of volunteerism and involvement of citizens in the creation and development of public good.”*

Numa perspectiva ampla, inerente à ideia de que um vasto número de indivíduos pode criar um trabalho colectivo, cujo valor excede em muito o fornecido por qualquer um dos participantes individuais, está a ideia de que a computação social abriu uma porta para diferentes aplicações da *Web 2.0* como o *Facebook*, o *Youtube* ou a *Wikipedia*, onde o poder colectivo dos utilizadores foi aproveitado na sua potencialidade máxima.

Tomando todas estas perspectivas em consideração, podemos ver que o campo de aproveitamento da Inteligência Colectiva no que diz respeito ao património se baseia não só na ideia de recorrer ao público, mas também envolvê-lo de forma a contribuir, colaborar e co-criar. Exemplo disto é a anotação de grandes colecções de

materiais digitalizados que exige um esforço maior do que aquele que os recursos humanos das instituições podem realizar. Segundo Evans (2007, p. 388), *“If this brave new world of Web access to archives depends on document-level description, archivists are doomed by the sheer mass waiting in the unprocessed stacks.”*

Como atrás mencionado, um crescente número de instituições no âmbito dos GLAM começaram, de algum tempo a esta parte, a investigar a possibilidade de disponibilizarem as colecções digitalizadas ao grande público e a aproveitar as oportunidades que surgem a partir da digitalização. Neste sentido Evans (2007, p. 391) refere, *“Archival digitization, or in other words, mass digitization, is the means to digitize entire archival components and deliver them online quickly and easily, without the high cost of creating extensive metadata associated with each image.”*

É importante para a classificação dos diferentes tipos de *crowdsourcing*, que futuros novos projectos tragam uma visão geral das oportunidades e dos desafios neste campo. Segundo Evans (2007, p. 309): *“Archivists must set priorities and build alliances to be effective in today’s information economy.”*

Sendo o conceito de *crowdsourcing* muito amplo, há necessidade de identificar quais os elementos específicos para a sua abordagem no domínio particular do património. Esses elementos representam as três principais questões a que cada instituição deve responder quando recorre a projectos no âmbito do *crowdsourcing*, ou seja: a que utilizadores se dirigem, a que actividades se destinam e quais os resultados que pretendem atingir.

No capítulo 5 do livro *The Participatory Museum* (Simon, 2010)<sup>9</sup>, a autora identifica quatro modelos de projectos baseados na participação do público em instituições culturais:

(1) Projectos contributivos, nos quais os visitantes são convidados a contribuir com objectos com determinadas especificações, acções ou ideias para um processo institucionalmente controlado;

---

<sup>9</sup> SIMON, Nina - *The Participatory Museum*, 2010.

(2) Projectos de colaboração, em que os visitantes são convidados a servir como parceiros activos na criação de projectos controlados pela instituição;

(3) Projectos de co-criação, em que os membros da comunidade trabalham em conjunto com a instituição e com os seus colaboradores para definir as metas do projecto e para gerar o programa ou exposição com base nos interesses da comunidade e;

(4) Projectos anfitriões, em que a instituição transforma uma parte das suas instalações e/ou recursos para apresentar os programas desenvolvidos e implementados por grupos públicos ou visitantes casuais.

O quadro apresentado por Simon foca a gestão da relação entre as instituições e o público. Estes modelos de participação não se referem explicitamente ao *crowdsourcing* como um tipo de actividade em que o público voluntariamente realiza uma tarefa; no entanto, as noções de "participação pública" e *crowdsourcing* no domínio cultural podem, em alguns casos sobrepor-se.

Diferentes definições têm sido propostas em diferentes áreas, embora muito pouco se tenha escrito sobre *crowdsourcing* no domínio do património. Oomen e Aroyo (2011, p. 140) propõem uma classificação de *crowdsourcing* vinculada às actividades normais realizadas por organizações culturais e definem tipos distintos de *crowdsourcing* de acordo com os resultados tangíveis no âmbito dos GLAM.

Esta classificação, através de distintos modelos de participação, fornece uma estrutura que reflecte como uma instituição pode envolver os seus utilizadores. Como refere Simon (2010) *"No one model is better than the others. Nor should they even be seen as progressive steps towards a model of "maximal participation. Consider the difference between a project in which a museum sources exhibit material from visitors (contributory) and one in which the institution works with a small group of outsiders to develop an exhibit (collaborative)."*

A decisão sobre a implementação de *crowdsourcing* deve fixar-se nos resultados a atingir, ou seja, a verificação de como podem diferentes tipos de *crowdsourcing* contribuir para as práticas de trabalho e o que diferentes iniciativas

podem oferecer como resultados reais, por isso Oomen e Arroyo (2011, p. 140) fazem a classificação das actividades de *crowdsourcing* com base nos resultados.

Na definição adoptada por Estellés-Arolas e Gonzalez-Ladron-de-Guevara, (2012, p. 9) a multidão é um grupo de indivíduos, variável em número, heterogéneo, e com conhecimentos diversos, que voluntariamente realizam uma tarefa proposta por uma organização. Cinquenta por cento das definições de *crowdsourcing* estudadas por estes autores descrevem a multidão como um grande grupo de indivíduos, neste estudo mencionam também outros autores que definem o tipo de multidão como "utilizadores" ou "consumidores", consoante a essência de *crowdsourcing*: *"Crowdsourcing is a type of participative online activity in which an individual, an institution, a non-profit organization, or company proposes to a group of individuals of varying knowledge, heterogeneity, and number, via a flexible open call, the voluntary undertaking of a task."*

Existem muitas variáveis que podem afectar o número de participantes (por exemplo, o tipo de tarefa, a duração do projecto ou a divulgação). No entanto, é importante sublinhar que a ideia da multidão como um "grande grupo de indivíduos" não é relevante para os resultados. *"The optimum number of people will depend on the crowdsourcing initiative, due to the fact that the information needs to be filtered and evaluated"* (Estellés-Arolas, Gonzalez-Ladron-de-Guevara, 2012, p. 6).

Os resultados mostram que os projectos de *crowdsourcing* na área das ciências sociais não se limitam a um relacionamento com o público através de uma via digital, mas que muitas vezes se verifica uma abordagem híbrida onde as interações *online* e presenciais se cruzam. Esta abordagem pode ser constatada em iniciativas de *crowdsourcing* com o objectivo de documentar eventos históricos (é o caso do projecto analisado no estudo de caso que será relatado no Capítulo IV), onde as recordações pessoais fornecidas pelo público desempenham um papel tão importante quanto o do contributo que é obtido através da interacção *online* entre o público e a instituição.

Neste tipo de iniciativas a "multidão" não só é convidada a executar tarefas, mas também é chamada a partilhar recursos que possam enriquecer o património das instituições. Neste último caso, o processo de *crowdsourcing* é realizado com o

objectivo de recolher informações, histórias e itens fornecidos por grupos específicos de pessoas.

É importante também entender que, dependendo da finalidade, o impacto da contribuição da multidão muda. *“(...) crowdsourcing is an online process that is distributed by the very nature of the Internet and it always involves the participation of the crowd. The rest of the characteristics depend on the proposed initiative.”* (Estellés-Arrolas e González-Ladron-de Guevara, 2012, p. 9)

Embora esta ideia possa ser aplicada a projectos de *crowdsourcing* de âmbito empresarial, no âmbito das ciências sociais é importante determinar quais as motivações dos indivíduos quando se envolvem nos projectos. Quando falamos de uma actividade remunerada, as razões do envolvimento dos colaboradores são razões económicas, mas nas actividades de cariz social e cultural, constata-se que a correlação entre o envolvimento dos indivíduos e os projectos está relacionado com uma tradição consolidada de voluntariado e com motivações de carácter emocional.

Nos casos em que há envolvimento do público, a organização expande basicamente o seu papel institucional através de novas ferramentas e o público é convidado a interagir com os recursos institucionais de novas maneiras; no entanto quando este envolvimento acontece, surgem questões complexas sobre como integrar o contributo da multidão nas colecções institucionais, como fazer a convergência dos conhecimentos dos profissionais e dos amadores ou de como garantir a qualidade do conteúdo das contribuições do público.

Podemos então considerar que os projectos de *crowdsourcing* na área das ciências sociais e humanas podem ser vistos como novos caminhos de colaboração entre as instituições e seus públicos para a agregação de recursos dispersos, sendo as instituições o canal de ligação com o público para aumentar ou construir novos activos.

Os arquivos, bibliotecas e museus enquanto guardiões da memória oferecem através deste tipo de projectos um sentido de pertença ao público, a *Web 2.0* como plataforma altamente interactiva e participativa, parece feita à medida das actividades com base no *crowdsourcing*. Embora os fluxos de trabalho deste tipo de instituições e

os proporcionados pela Internet sejam diferentes, há uma série de tarefas que são comuns e consequentemente boas candidatas a iniciativas de *crowdsourcing*.

A multidão, na maioria das iniciativas de *crowdsourcing* que encontramos noutros domínios é "indefinida", enquanto na área das ciências humanas, a multidão parece ser principalmente o público da instituição. As relações que as instituições já têm com os seus colaboradores, representam um importante ponto de partida e podem ser reforçadas quando é lançado um processo de *crowdsourcing*.

Existe uma multiplicidade de definições de *crowdsourcing* no que toca às diferentes vertentes em que o mesmo pode ser aplicado, múltiplas tipologias e opiniões contraditórias sobre o que é e o que não é o *crowdsourcing*. Na procura desta definição devem colocar-se quatro questões: Qual a acção a levar a cabo? Quem a realiza? Porque se realiza e como se realiza?

Diferentes motivações são também características a ter em conta na definição do conceito, uma vez que elas podem envolver diferentes tipos de compensação, como a oportunidade de partilhar conhecimentos ou a oportunidade de fazer parte de uma comunidade.

Segundo Evans (2007, p. 12) "*Archivists have among their customers a natural pool of volunteers*", a chave para estes projectos estará então no envolvimento dos indivíduos, das suas contribuições com as instituições de memória.

### **III.3. Folksonomias**

Com já foi referido, a dinâmica dos fluxos informacionais que ocorrem na *Web* mudou decisivamente as relações entre os utilizadores e a forma de disseminar a informação, e com esta mudança é importante perceber que diferentes utilizadores podem interpretar os documentos de maneiras diferentes, pois diferentes utilizadores trazem consigo diferentes conhecimentos e diferentes interpretações do mesmo conteúdo. Desta revolução destaca-se o que pode ser considerado um novo paradigma para a organização dos recursos na *Web*: a possibilidade de os utilizadores participarem na organização e recuperação da informação e neste prisma é relevante

fazer uma abordagem ao conceito de folksonomia, também ela um esquema de gestão da informação dependente do recurso à Sabedoria das Multidões.

O processo de recuperação de informação é realizado por, pelo menos, dois agentes: a) o indexador que analisa e interpreta o significado do objecto, recolhendo informações que traduz nos termos do vocabulário controlado; b) o utilizador que aborda o sistema de recuperação de informação para procurar um conteúdo específico e escolhe um termo indexação que represente o assunto procurado nos termos linguísticos convencionais, neste contexto deixa assim, aparentemente, de existir a imposição de o utilizador ter de se adaptar à linguagem controlada de modo a retirar o melhor proveito dos motores de busca proporcionados pela *Web*.

Para que este volume de informação seja recuperado de uma maneira eficiente, foram criadas diversas formas de descrição e esquemas de representação dos recursos da *Web*. Um desses esquemas é a folksonomia, descrita como uma inovação que explora o potencial das redes sociais na organização e na partilha dos recursos informacionais, baseia-se na atribuição de etiquetas (*tags*) pelos próprios utilizadores aos conteúdos informacionais, visando a recuperação da informação e segundo Catarino e Baptista (2007, p. 1) também pode ser chamada de indexação colaborativa.

Assim, a folksonomia caracteriza-se por ser uma linguagem livre e feita pelo utilizador, enquanto noutras formas de representação do conhecimento tradicionais a linguagem de indexação tem como características a linguagem controlada e orientada por especialistas.

O termo surgiu em 2004, cunhado pelo arquitecto de informação Thomas Vander Wal (resulta da união da palavra folk (povo) com taxonomia), após a constatação de que vários utilizadores tinham começado a atribuir etiquetas (*tags*) a determinados recursos informacionais na *Web*. Considerando as características atípicas do conceito, algumas investigações têm surgido neste campo tendo por objectivo compreender as possibilidades dessa nova forma de participação dos utilizadores na *Web* e quais os conceitos, características, vantagens e desvantagens que podem ser verificados na teoria e na aplicação das folksonomias no tratamento e recuperação da informação.



De acordo com Brandt e Medeiros (2010, p. 117), a folksonomia é a representação do conhecimento gerada pelo utilizador e pode ser vista como uma forma de organização social do conhecimento, arbitrária, baseada nos princípios dos próprios utilizadores e partilhada num meio social determinado. Para Noruzi (2007, p. 1) a folksonomia pode ser definida como *“a user-generated taxonomy used to categorize and retrieve Web content such as web resources, online photographs and web links, using openended labels called tags”*, já para Vieira e Garrido (2011, p. 2), a folksonomia é considerada um sistema de organização da informação “um tanto ou quanto atípico, apesar de funcional”.

A folksonomia é interpretada como um instrumento resultante de uma nova maneira de indexar a informação em ambiente *Web* e onde o utilizador se torna um agente activo no processo de organização da informação. Nesse espaço cada indivíduo reflecte na sua indexação os seus conhecimentos, opiniões e interesses, atribuindo à informação a etiqueta que for mais conveniente para si ou para o seu grupo. Viera e Garrido (2011, p. 2) registam que os utilizadores parecem ser uma grande preocupação para os pesquisadores teóricos do tema folksonomia. Eles são objecto de estudo em pesquisas que abordam as razões que levam o utilizador a participar nas actividades de indexação colaborativa e sobre os interesses comuns que influenciam a formação das categorias no processo de etiquetagem.

Sobre a questão terminológica, foi possível verificar que não há, ainda, um consenso dos autores em relação ao conceito, discutindo-se a novidade do termo folksonomia no campo da representação e na problemática inerente aos neologismos. De acordo com Catarino e Baptista (2007, p. 4), os autores dividem-se em dois grupos. Um primeiro grupo que entende a folksonomia exactamente como o resultado de um processo, portanto um produto, concordando desta forma com o conceito de Thomas Vander Wal, e um segundo grupo que se refere à folksonomia como sendo um sistema, uma metodologia ou abordagem.

A presença de uma pluralidade de denominações para este novo conceito reflecte a novidade desta ferramenta de classificação e observam-se na literatura os seguintes sinónimos para o termo folksonomia: etnoclassificação (etnoclassification), classificação social (social classification) e etiquetagem colaborativa ou social

(colaborative/social tagging) (Vieira e Garrido, 2011, p. 6). Catarino e Baptista (2009, p. 1) fizeram um levantamento dos termos a que os autores se referem com mais frequência, a saber: *tagging*, *tagging systems*, *social tagging*, *collaborative tagging*, *social classification*, ou *social bookmarking* entre outros.

Segundo Trant (2008, p. 5) verifica-se várias abordagens aos estudos sobre folksonomias, para autora constata-se três formas de abordagem: 1) Pesquisas que investigam a folksonomia em si; 2) Pesquisas cujo foco recai sobre o comportamento dos utilizadores no processo deste tipo de indexação e 3) Pesquisas que investigam a natureza dos sistemas que usam folksonomias. Os estudos como o de Noruzi (2006, p.3) e Catarino e Baptista (2009, p. 6), abordam que estudos sobre a aplicação das folksonomias em simultâneo com instrumentos em que ocorre o controlo terminológico e a explicitação das relações semânticas entre os conceitos, como os thesauros e as ontologias, onde se verifica em simultâneo um controlo de vocabulário realizado por profissionais.

A leitura dos artigos sobre o tema revelou ainda diversas vantagens e desvantagens da folksonomia, sendo que uma das vantagens da folksonomia está na liberdade de permitir que a descrição dos recursos da *Web* seja feita conforme a visão dos seus próprios utilizadores. De uma forma geral, os pontos apontados como vantagens apoiam-se no que se denomina garantia de uso Brandt (2009, p. 72), ou seja, que o facto de ser o próprio utilizador a atribuir os termos que descrevem o assunto, para além de criar uma amplitude semântica de termos, o termo usado para representar o documento será, à partida, o mesmo a ser utilizado para recuperá-lo. Outros autores argumentam que esta forma de indexar desfavorece a padronização do vocabulário, assinalando como grande desvantagem a falta de controlo, que diminui a precisão na recuperação da informação.

É unânime que a desvantagem maior está exactamente na falta de um vocabulário controlado e na ausência de uma padronização que defina parâmetros para a indexação desses itens, porque a folksonomia se utilizada de forma aleatória, leva a uma imprecisão no processo de recuperação. Segundo Catarino e Baptista (2007, p. 12) existem outras desvantagens em relação à folksonomia, tais como: o uso de plurais (se o sistema de recuperação não possuir a capacidade de associação de

palavras no plural e no singular, haverá o desencontro das informações); a polissemia (a *tag* atribuída pode assumir significado diferente dependendo do contexto) e sinonímia.

As folksonomias podem ser ferramentas eficazes para classificar informações não-textuais como imagens ou músicas, no entanto, não são consideradas adequadas, segundo os autores analisados, para a organização, a classificação e a recuperação da informação com finalidades técnicas e científicas, porém é um recurso cada vez mais utilizado devido à sua fácil identificação dos objectos em meio digital (Brandt, 2009, p. 61).

Organizar imagens nas novas ferramentas nestas novas plataformas é definitivamente uma tendência na *Web*, para Schlak (2010, p. 128), *“a comprehensive evaluation of users’ interaction with images in an online web environment is necessary for a more complete understanding of how humans use images.”* A folksonomia não substitui uma indexação mais precisa de um documento fotográfico, mas pode funcionar como um novo recurso que reflecte a maneira como os indivíduos interpretam determinada imagem. Daqui decorre que em ambiente *Web*, é possível encontrar muitos serviços e sites que fazem uso da folksonomia para a classificação e organização de conteúdos fotográficos, esta prática tem vindo a ganhar terreno em várias instituições, em Portugal a Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), estimulada pela intenção de aumentar a acessibilidade às colecções fotográficas agora disponibilizadas em rede e diversificar o seu público através da sua participação nas redes sociais (Leitão, 2010, p. 3), avançou com a edição dos seus conteúdos no *Flickr*.

Diante do universo interactivo que é a *Web* e as suas constantes evoluções, torna-se cada vez mais necessária a utilização de recursos que propiciem a acessibilidade e agilidade nos processos de pesquisa e recuperação da informação e mesmo apresentando algumas desvantagens, os benefícios que esta ferramenta proporciona superam essas possíveis falhas. A construção de Memória Colectiva é apenas uma consequência das diversas possibilidades proporcionadas pela folksonomia, que além de socializar o processo de construção das informações, também viabiliza a criação de redes sociais de pessoas que possuem interesses em

comum (Baptista (2009, p. 62). Para Aquino (2007, p. 14), “*ao adicionar tags [marcadores] a uma informação na web estamos activando uma rede de associações, contribuindo para a formação de uma memória colectiva.*”

Os artigos de abordagem teórica sobre o tema concentram as suas análises nos aspectos da actualização do profissional da informação frente ao desafio apresentado pela representação colaborativa e nas questões relacionadas com o utilizador. A difusão de conteúdos na *Web* evidencia uma tendência para a recuperação da informação através de ferramentas que exploram a linguagem natural, o que vem exigir da parte dos profissionais de informação aptidões profissionais mais complexas, porque se tornou evidente que o utilizador tem cada vez um papel mais activo na gestão dos conteúdos informacionais neste contexto.

#### **III.4 Exemplos de algumas iniciativas de *crowdsourcing* no âmbito das ciências sociais**

Antes de nomear algumas iniciativas de *crowdsourcing* no âmbito das ciências sociais, é importante referir que, através da revisão da literatura, foram identificadas propostas de categorização para as actividades de *crowdsourcing*. Para identificação das diferentes iniciativas é fundamental ter em conta que um processo pode ser composto por várias tarefas, através das quais os colaboradores se comprometem a criar, transformar ou modificar um activo. Estas tarefas podem diferir significativamente.

Geralmente, as actividades realizadas pelos participantes em projectos de *crowdsourcing* envolvem tarefas como transcrições de um manuscrito, anotação musical, descrição de artefactos, etiquetagem de fotografias, inserção de dados, comentários sobre conteúdos, participação em fóruns ou ainda a gravação de experiências e memórias sob a forma de história oral entre muitas outras.

No levantamento de informação efectuado sobre *crowdsourcing* constatou-se a existência de duas vertentes sobre as quais pode assentar este fenómeno: a computação humana e a Sabedoria das Multidões. O futuro do conceito de *crowdsourcing* irá provavelmente incidir sobre saber quais os projectos que recorrem à computação humana e quais dependem da Sabedoria das Multidões. O conceito de

computação humana está fundamentado no facto de os seres humanos serem capazes de processar determinado tipo de informações e fazer análises que os computadores não podem efectuar. Para este fim, há uma série de projectos de *crowdsourcing* ancorados nesta ideia. A melhor maneira de explicar o conceito é através de alguns exemplos que traduzem o papel que a computação humana desempenha no *crowdsourcing*.

O **ReCaptcha**<sup>10</sup> é um excelente exemplo de como a capacidade cognitiva do ser humano, versus inteligência artificial, pode ser aproveitada para decifrar informações essenciais constantes de documentos digitalizados e que de outra forma não são recuperáveis. A maioria dos utilizadores da *Web* está familiarizado com as janelas *ReCaptcha* que é necessário preencher quando precisamos provar que somos de facto uma pessoa e não um sistema automatizado a tentar entrar num *site*. A capacidade do ser humano de ler o texto confuso que é apresentado, prova que é um ser humano e não uma máquina que está a entrar no sistema, mas no caso de *ReCaptcha*, por trás deste objectivo existe uma actividade paralela, porque ao digitar os caracteres que está a ler, o utilizador está a ajudar a corrigir o texto OCR', como é o caso, por exemplo, de textos antigos do jornal New York Times que foram digitalizados.

O **Ancient Lives**<sup>11</sup> é uma iniciativa da Universidade de Oxford, instituição que tem à sua guarda a colecção de *Papyrus Oxyrhynchus* que pertence e é supervisionada pela *The Egypt Exploration Society*. O projecto consiste na descodificação dos papiros recorrendo a voluntários que fazem a correspondência entre os caracteres de uma grelha e os do fragmento. A tarefa é gigantesca e, antes da chegada das ferramentas *online* só poderia ser realizada por estudiosos que estivessem familiarizados com o código. Uma tarefa muito difícil que tem sido efectivamente simplificada, mantendo o desafio que é realizado através de uma espécie de quebra-cabeças.

O projecto **Trove**<sup>12</sup> foi lançado em Julho de 2011 e faz parte da *Citizen Science Alliance*, entidade que se apresenta como uma colaboração transatlântica de universidades e museus que se dedicam a envolver o público no processo da ciência.

---

<sup>10</sup> <https://www.google.com/recaptcha/intro/index.html>

<sup>11</sup> <http://www.ancientlives.org/>

<sup>12</sup> <http://trove.nla.gov.au/>

Nos últimos anos, as bibliotecas têm estado muitíssimo comprometidas com a digitalização. No entanto, o Reconhecimento Óptico de Caracteres (OCR) proporciona resultados diferentes, dependendo da condição do material original e da "leitura" das fontes. Para documentos históricos, os resultados do texto traduzido electronicamente podem ser muitas vezes pobres. A Biblioteca Nacional da Austrália, no que foi o primeiro projecto do mundo em que uma biblioteca utilizou o *crowdsourcing* em grande escala, incentivou o público a corrigir, ou a melhorar as transcrições electrónicas (OCR) dos textos de jornais históricos australianos disponibilizados em linha. Como resultado deste trabalho melhorou a capacidade de busca em texto integral pelos programas de *software*.

O projecto ***Galaxy Zoo***<sup>13</sup>, por exemplo, convida os utilizadores a identificarem galáxias. Perante uma imagem de uma galáxia, os utilizadores são convidados a classificá-la com base num conjunto simples de informações taxonómicas. O projecto promove também um fórum de discussão que representam um tipo muito diferente de *crowdsourcing*, baseado não tanto sobre a ideia de computação humana, mas naquilo a que nos referimos como Sabedoria das Multidões.

Este projecto faz parte de outro maior chamado ***Zooniverse***<sup>14</sup> e ambos resultaram das necessidades de novos recursos por parte dos investigadores para identificar a informação, por exemplo no caso do *Galaxy Zoo*, as fotografias eram demasiado numerosas para serem analisadas individualmente e a tarefa de classificação da morfologia das galáxias não poderia ser feita pelo *software* de um computador.

A Iniciativa ***Old Weather***<sup>15</sup>, é uma iniciativa do *NARA (National Archives and Records Administration)* em parceria com o *NOAA (National Oceanic and Atmospheric Administration)*. O projecto convida os participantes a recuperar observações meteorológicas-manuscritas feitas por navios da Marinha norte-americana desde o século XIX com o objectivo de desenvolver modelos de projecções climáticas. Este projecto permite a historiadores, cientistas e geógrafos seguirem o rasto aos movimentos dos navios em várias épocas, assim como as histórias dos seus tripulantes.

---

<sup>13</sup> <http://www.galaxyzoo.org/>

<sup>14</sup> <https://www.zooniverse.org/>

<sup>15</sup> <http://www.archives.gov/citizen-archivist/old-weather/>

O **East London Lives**<sup>16</sup> conduzido pela *University of East London* é um arquivo digital "vivo", que documenta o impacto nas vidas dos habitantes da zona leste de Londres com a recepção dos Jogos Olímpicos de 2012. Regista o processo de mudança social provocado pela realização dos jogos naquela zona da cidade, mapeando os efeitos no dia-a-dia da comunidade local. O arquivo inclui entrevistas com os residentes, complementado com indicadores sobre o bem-estar e saúde. Também é disponibilizado um leque de materiais pedagógicos desenvolvidos pelo projecto.

O **Ancestry World Archives Project**<sup>17</sup> coordena os esforços de milhares de voluntários de todo o mundo com uma paixão por genealogia e o desejo de ajudar os outros a descobrir as suas raízes. Os voluntários indexam várias colecções de documentos de todo o mundo.

O **FamilySearch**<sup>18</sup> contém mais de 68.000 artigos de investigação de histórias de família. A sua missão é reunir, fotografar, transcrever, digitalizar e disponibilizar o maior número possível de registos civis, privados e religiosos. Para a prossecução deste objectivo, o *FamilySearch* solicitou a ajuda de inúmeros voluntários. O *FamilySearch* é um exemplo perfeito da transição para o *online*, antes da *Web*, o *FamilySearch* usava formatos analógicos (disquetes e CD's) para fazer circular a informações entre a sede e os voluntários. A integração no mundo *online* acelerou consideravelmente o processo de transcrição e permite ao projecto alargar a chamada a mais voluntários em todo o mundo.

O **StoryCorps**<sup>19</sup> é um dos maiores projectos de história oral cuja missão é registar, preservar e partilhar as narrativas pessoais de cidadãos norte-americanos. Até ao momento, o *StoryCorps* registou mais de 45.000 entrevistas. À semelhança deste projecto o **Mass Observation**<sup>20</sup>, é um arquivo que resulta do trabalho de investigação da organização *Mass Observation*. Esta organização foi fundada em 1937 através do recrutamento de uma equipa de observadores e um painel de voluntários com o objectivo de registar a vida quotidiana do povo britânico. Em 1970, o arquivo foi

---

<sup>16</sup> <http://www.uel.ac.uk/ihhd/projects/east-london-lives/>

<sup>17</sup> <http://community.ancestry.com/awap>

<sup>18</sup> <https://familysearch.org/>

<sup>19</sup> <http://storycorps.org/>

<sup>20</sup> <http://www.massobs.org.uk/>

integrado na *University of Sussex* como recurso público para investigação histórica e neste momento é considerado parte da *University's Special Collections*. O fundo do arquivo consubstancia-se em material gerado pelo *Mass Observation* entre 1937 e 1949. O projecto inicial durou até a década de 1950 mas foi retomado em 1981, através da comunicação social, recrutando novos voluntários por toda a Grã-Bretanha. Estudantes e investigadores podem agora consultar esta compilação como um meio de entender a vida no século XX e XXI na Grã-Bretanha.

***LibraryThing***<sup>21</sup>, este serviço *online* ajuda os utilizadores a catalogar os seus livros e agrega todas as informações disponibilizadas por estes para este efeito. É completamente gratuito e permite catalogar até 200 livros, podendo ser adicionadas colecções maiores através do pagamento de uma pequena taxa. Algumas bibliotecas têm os seus catálogos inteiros integrados no *LibraryThing*.

O ***LC's Flickr Commons Project***<sup>22</sup> teve início em 2007 com apenas cerca de 1000 fotografias. Actualmente contém mais de 20.000 imagens com cerca de 6.000 registos catalográficos e mais de 60 milhões de visualizações. O objectivo é classificar e descrever fotografias históricas através da adição de palavras-chave, registando nomes, profissões e datas. Foi devido a uma profunda redução de pessoal, que a divisão de *Prints & Photographs da Library of Congress* decidiu recorrer ao *crowdsourcing*. O custo do projecto ficou por apenas por \$25 por ano.

O *Steve Museum* (EUA) tem, provavelmente, um dos projectos mais antigos e conhecidos de *crowdsourcing* (2005). O ***Freeze Tag***<sup>23</sup> do *Brooklyn Museum* foi lançado no seguimento de um primeiro projecto, da iniciativa *Tag! You're It!*, na qual os utilizadores atribuíam *tags* a determinados conteúdos das colecções. O objectivo deste segundo projecto é o de rever as *tags* fornecidas pelo público no projecto inicial. Aos participantes são apresentadas as *tags* que foram marcadas por outros membros, e a tarefa actual é fornecer uma segunda opinião sobre a relevância da *tag*.

---

<sup>21</sup> <https://www.librarything.com/>

<sup>22</sup> [https://www.flickr.com/photos/library\\_of\\_congress/](https://www.flickr.com/photos/library_of_congress/)

<sup>23</sup> <http://www.brooklynmuseum.org/community/blogsphere/2009/05/21/crowdsourcing-the-clean-up-with-freeze-tag/>



**First Impressions**<sup>24</sup> é um projecto experimental do Museu de Arte de Indianápolis (Estados Unidos da América), que pede aos participantes para seleccionar a primeira coisa que chame a sua atenção quando olham para uma série de obras de arte. Todas as selecções são recolhidas com o objectivo de criar mapas de calor.

O **Smithsonian's Transcription Center**<sup>25</sup> beneficiou da experiência de outros projectos de *crowdsourcing* quando começou a ser planeado em 2012. Dez dos dezanove museus e arquivos ligados ao *Smithsonian Institute* participam no *Transcription Center*. O painel de instrumentos permite aos colaboradores seleccionar qual o projecto em que querem participar. Com o objectivo de alcançar transcrições precisas, com controlo de qualidade, foi pensado um processo de três etapas: a transcrição é feita por um conjunto de colaboradores, a avaliação por um outro conjunto de utilizadores (ambos registrados), e por fim a aprovação, que é feita por funcionários ou voluntários formados pela instituição.

O **NARA's Citizen Archivist Dashboard**<sup>26</sup> convida o público a atribuir *tags*, a fazer transcrições e a editar artigos assim como a descarregar imagens. A equipa da NARA chegou à conclusão de que os investigadores muitas vezes sabiam mais sobre os registos do que os próprios arquivistas e viram o *crowdsourcing* como uma forma de aproveitar esse conhecimento. Aos projectos dos utilizadores chamaram missões e os documentos foram organizados por graus de dificuldade de transcrição.

Projectado pela University of Oxford, o **The Great War Archive**<sup>27</sup> reúne material disperso da I Guerra Mundial que nunca esteve acessível ao público: manuscritos de poesia, registos de serviço, diários de guerra e correspondência. O público é convidado a partilhar histórias pessoais que passaram de geração em geração. O acervo serve como ferramenta para professores, alunos e pesquisadores descobrirem as histórias não contadas da I Grande Guerra, revelando uma compreensão inteiramente nova de como o público em geral pode contribuir para a construção de Memória Colectiva.

---

<sup>24</sup> <http://www.imamuseum.org/blog/2010/12/14/give-us-your-first-impressions/>

<sup>25</sup> <http://transcription.si.edu/>

<sup>26</sup> <http://www.archives.gov/citizen-archivist/>

<sup>27</sup> <http://www.oucs.ox.ac.uk/ww1lit/gwa>

O **Historypin**<sup>28</sup> foi lançado em 2011. Permite aos utilizadores transferir fotografias, vídeos e sons históricos ou actuais para uma localização geográfica específica numa aplicação que projecta um mapa-mundo. É a combinação de um projecto de *crowdsourcing* (é solicitado aos utilizadores que introduzam conteúdos), com um *site* educacional; um serviço onde bibliotecas e arquivos podem expor os seus conteúdos e colecções a novos públicos. O projecto foi desenvolvido pela organização não lucrativa *We Are What We Do* em parceria com o *Google*, que é o principal parceiro tecnológico, disponibilizando para este fim, por exemplo, ferramentas como o *Google Maps*, o *Google Street View* e o *Picasa*. O Google suporta os custos de desenvolvimento do projecto com doações e patrocínios. Apesar de operar fora do meio académico, o projecto tem uma forte ligação aos *GLAM*, permitindo integrar conteúdos do *Historypin* nas colecções destas instituições.

**Holocaust Memorial Museum**<sup>29</sup>. Através deste projecto é possível aos utilizadores indexar documentos da colecção do arquivo do museu criando desta forma o maior recurso *online* sobre as vítimas do Holocausto. Ao permitir que os utilizadores possam adicionar histórias, o projecto ajuda a acrescentar a identidade das vítimas à Memória Colectiva da Humanidade.

Com o centenário da I Guerra Mundial, o **Arquivo Nacional Britânico**<sup>30</sup> publica na Internet o primeiro lote de diários escritos por soldados durante o conflito 1914 - 1918, no Reino Unido. Podem ser consultados, gratuitamente (o download é pago), 1944 diários escritos entre o começo da guerra, a 28 de Julho de 1914 e a partida das tropas de França e da Flandres, em 1919. Os arquivos originais podiam ser consultados desde a década de 60, do século XX, mas o Arquivo Britânico acredita que a sua publicação na internet ampliará o seu acesso. A iniciativa também oferece a oportunidade aos interessados em História, aos familiares dos soldados e aos historiadores de explorarem informações que podem levar a novas descobertas e perspectivas acerca desse importante período da história.

---

<sup>28</sup> <https://www.historypin.org/>

<sup>29</sup> <http://www.ushmm.org/>

<sup>30</sup> [www.nationalarchives.gov.uk](http://www.nationalarchives.gov.uk)

O **Memorial 9/11**<sup>31</sup> em parceria com o **StoryCorps**, também está a adquirir activamente materiais para a sua colecção permanente, narrativas de sobreviventes, das equipas de resgate, de testemunhas, e de outras pessoas afectadas por estes acontecimentos, a fim de preservar as suas experiências pessoais. Também são recolhidas fotos, vídeos, mensagens de voz e objectos pessoais relacionados com o atentado do 11 de Setembro de 2001.

Da mesma forma, o **Genocide Archive Rwanda**<sup>32</sup> no Ruanda criou um projecto de testemunho oral, com o objectivo de registrar e preservar as experiências dos sobreviventes do genocídio do Ruanda em 1994.

Em Portugal, através do *Flickr*, a **Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian** tem vindo a investir na interoperabilidade do serviço com outras plataformas da *Web*. Este projecto funciona através da possibilidade de publicar fotografias nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*. Os objectivos que se pretendem atingir com este projecto são o de aumentar a acessibilidade a colecções únicas e explorar as vantagens da “Inteligência Colectiva”, acumulando informação e contexto sobre as fotografias, que de outra forma as instituições têm dificuldade em obter por falta de recursos humanos, enriquecendo os catálogos e disponibilizando algumas colecções de fotografia a um público mais alargado. Em termos de pontos de acesso para o utilizador registado, as funcionalidades são diversificadas (títulos, palavras-chave e descrições).<sup>33</sup>

**Casas com histórias**<sup>34</sup>, é um projecto da iniciativa do GRUA (Gabinete de Reabilitação Urbana de Albufeira), realizado em parceria com o Arquivo Histórico e o Museu de Arqueologia de Albufeira. O projecto «Casas com histórias» interliga-se também com o Projecto «Recolha de fotografias antigas de Albufeira» em curso desde 2008 e com o fundo fonográfico do Arquivo Histórico. Numa abordagem à reabilitação urbana, procura recorrer a estratégias que permitam intervir no tecido urbano de forma adequada ao contexto local a que estas intervenções se destinam. Pretende-se a

---

<sup>31</sup> <https://www.911memorial.org/oral-histories-0>

<sup>32</sup> [http://www.genocidearchiverwanda.org.rw/index.php/Category:Testimony\\_Types](http://www.genocidearchiverwanda.org.rw/index.php/Category:Testimony_Types)

<sup>33</sup> <http://www.flickr.com/photos/biblarte/>

<sup>34</sup> <http://portal.cm-albufeira.pt/casascomhistorias/content/projecto-casas-com-hist%C3%B3rias>

partir deste projecto promover o envolvimento e a colaboração com a população residente através de uma relação de proximidade.

O **Portal das Memórias de África e do Oriente**<sup>35</sup> é um projecto da Fundação Portugal-África desenvolvido e mantido pela Universidade de Aveiro. É um instrumento pioneiro na tentativa de potenciar a memória histórica dos laços que unem Portugal e os outros países da esfera da Lusofonia na construção de uma identidade colectiva. A colocação online e com livre acesso às referências bibliográficas espalhadas pelo mundo pretende reconstruir parte da história comum dos diferentes povos.

Durante a intervenção feita para catalogação do espólio dessas instituições verificou-se também a existência de uma grande quantidade de materiais não livro (fotografias, postais, mapas) e mesmo de material audiovisual (cassetes áudio e filmes) que futuramente integrarão o Arquivo Digital do projecto, já existe um protótipo funcional de acordo com a ISAD(G) mas ainda não existe um acervo tratado, pretendendo-se apelar à memória histórica dos indivíduos com o objectivo a completar a informação sobre estes documentos que é diminuta.

Este tipo de colaboração não é um conceito novo tem sido utilizado em muitos projectos *offline* já há alguns anos. Alguns projectos fizeram a transição para o meio *online*, tornando a colaboração mais fácil, tornando os recursos de bibliotecas, museus e arquivos mais acessíveis, muito embora com alguns desafios como a mudança de filosofia do profissional de informação ou questões práticas como o recrutamento e gestão de voluntários. A relação simbiótica entre os *GLAM* e o seu público, devido às características particulares que os unem, tem agora possibilidade de tirar proveito deste conceito de participação colaborativa que o *crowdsourcing* permite.

Referidos que foram alguns dos principais projectos nacionais e internacionais que têm na sua génese ou como instrumento principal o *crowdsourcing* vamos então apresentar aquele que foi o nosso estudo de caso.

---

<sup>35</sup> <http://memoria-africa.ua.pt/>



## Capítulo IV – Estudo de caso

### IV. 1. Descrição e enquadramento do estudo de caso

O Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (IHC/FCSH), em colaboração com diversas instituições impulsionou um conjunto de iniciativas destinadas a promover o estudo da história e o impacto da I Grande Guerra em Portugal, procurando que o trabalho desenvolvido pudesse ser disponibilizado à sociedade em geral.

O projecto, sob a designação de *Memórias da I Guerra Mundial 1914-1918*, tem como missão a identificação, recolha, estudo e divulgação de testemunhos, histórias e memórias dos soldados portugueses que participaram na I Grande Guerra. O compromisso assumido pelo IHC é o de conhecer, registar e contar a história individual dos soldados que participaram no conflito e de todos os portugueses que viveram a Grande Guerra directa ou indirectamente.

O projecto tem prosseguido com um programa que inclui encontros científicos nacionais e internacionais, acções de divulgação e publicações destinadas à comunidade científica e ao público em geral. Foram organizadas várias exposições dedicadas ao envolvimento do País no conflito, nomeadamente da Biblioteca Nacional e na Assembleia da República (esta ultima com a colaboração da Comissão Coordenadora das Evocações do Centenário da Primeira Grande Guerra e do Ministério dos Negócios Estrangeiros).

Foram organizados ainda alguns projectos em colaboração com órgãos de comunicação social, como o jornal Público (onde foi publicado entre Julho e Setembro um suplemento dedicado ao tema), a revista Visão História e o Jornal de Letras entre outros.

No plano internacional destaca-se a associação ao *Projecto Europeana 1914-1918* e o compromisso da edição da secção respeitante a Portugal.

#### **IV. 1.1. O projecto *Memórias da Guerra 1914-1918*<sup>36</sup>**

Passados cem anos desde o início do conflito que mobilizou mais de 70 milhões de homens, já não existem sobreviventes mas apenas os seus descendentes que guardaram as suas memórias e as tornaram parte do seu legado familiar, permitindo agora a recuperação de um património material e imaterial significativo.

A identificação e o registo das memórias, documentos ou objectos associados ao conflito e aos que nele intervieram, é crucial para o aprofundamento do seu estudo e para a compreensão das repercussões que esta guerra teve no nosso País. A divulgação de toda esta informação, por seu lado, é imprescindível para estudar, tanto a nível nacional como internacional, a dimensão e o impacto da participação portuguesa.

Com a prossecução do projecto pretende-se difundir conteúdos de índole diversa, como diários, cartas, fotografias, mapas, medalhas, desenhos, capacetes, condecorações, fardas ou qualquer tipo de objectos pertencentes a soldados portugueses que tenham combatido no conflito de 1914-1918, documentos essenciais para a identificação da Memória Colectiva nacional.

Podemos desde logo constatar a existência de três canais ou plataformas, para a prossecução deste objectivo, de um lado com presença na *Web*, através do *site Memórias da Guerra 1914-1918* e da página do *Facebook Memórias da Guerra 1914-1918* que alberga a comunidade de participantes virtuais, de outro a iniciativa *Dias da Memória* sobre a qual vai incidir o estudo de caso.

Os projectos que envolvem a equipa de investigadores do IHC estão centralizados no portal Portugal 1914-1918, desenvolvido com diversos parceiros nacionais e internacionais, e onde já é possível, por exemplo, consultar uma cronologia da participação portuguesa na guerra ou ler biografias dos soldados.

O portal produz, organiza, divulga e disponibiliza os conteúdos em acesso livre e beneficia da colaboração de uma pluralidade de instituições como arquivos,

---

<sup>36</sup> Informação complementar sobre o projecto pode ser consultada em:  
[http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/apresentacao\\_projeto.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/apresentacao_projeto.pdf);  
<http://www.portugal1914.org/portal/pt/programa>.

bibliotecas, bibliotecas, museus, universidades, escolas e câmaras municipais (cerca de 100 municípios). No âmbito deste projecto foram também convencionados protocolos de colaboração com o Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, com o Arquivo Histórico-Parlamentar da Assembleia da República e com o Arquivo Histórico Militar.

Com a intenção de envolver as escolas na importância e impacto da Guerra em Portugal, salientando a questão da memória individual e colectiva, foi construído um separador dedicado às actividades que as envolvem.<sup>37</sup>

O portal disponibiliza informação diversa como biografias de personalidades, identificação de recursos como fontes e bibliografia e uma interessante *timeline* com a cronologia dos acontecimentos.

Para além de toda esta informação, existe um espaço dedicado à partilha de memórias e testemunhos de familiares dos soldados que participaram no conflito em África ou na Flandres, cuja identificação e registo se pode realizar através do portal ou do *Facebook*. Do ponto de vista tecnológico, a missão do *site* e da página do *Facebook* é dar às pessoas as ferramentas digitais para partilha do seu património e da história a ela associada com maior facilidade. A 21 de Janeiro, o portal contava com 4044 artigos, tendo atingido em 12 meses um total de 8 milhões de acessos.

Os contactos e a informação são recebidos pelos investigadores do IHC/FCSH, que analisam e validam a informação (memórias e materiais) e as disponibilizam *a posteriori* na internet, no portal *Memórias da I Guerra Mundial 1914-1918* (ou no *Facebook*). Estes especialistas coordenam e supervisionam todas as etapas, tendo como mais-valia o suporte da instituição.

---

<sup>37</sup> Informação disponível em: <http://www.portugal1914.org/portal/pt/escolas>



#### IV. 1. 2. *Europeana 1914-1918*<sup>38</sup>

Para fazermos o enquadramento global deste projecto que é o objecto do estudo de caso, é importante apresentar uma breve informação sobre o projecto *Europeana 1914-1918*, com o qual o Instituto de História Contemporânea colabora. O projecto *Europeana 1914-1918* é uma das muitas iniciativas da *Europeana*, uma biblioteca digital europeia, lançada com o objectivo de centralizar em formato digital, o legado histórico e cultural partilhado ao longo dos séculos pelos povos da Europa.

A *Europeana* é um projecto dirigido pela Fundação para a Biblioteca Digital Europeia, lançado em 2005 e aberto ao público em Novembro de 2008, com o objectivo de disponibilizar o património cultural e científico dos 27 estados-membros da União Europeia em 27 línguas. O projecto está sediado na Biblioteca Nacional da Holanda, a *Koninklijke Bibliotheek*, sediada em Haia.

Com o apoio do Parlamento Europeu, foi criada uma plataforma digital para a herança cultural europeia, que reúne o património dos grandes museus, das colecções dos arquivos, bibliotecas e museus, e ao qual educadores e investigadores, mas também o público em geral, podem aceder gratuitamente. Através do *Europeana*, e devido à colaboração de cerca de três mil instituições culturais, é possível cruzar cerca de meio milhão de documentos únicos e nunca antes divulgados, que agora foram digitalizados e podem ser consultados num só lugar.

Concretamente no que toca ao *Europeana 1914-1918*, o principal objectivo é o de digitalizar e disponibilizar através da *Web*, fontes históricas, primárias e secundárias relacionadas com a I Guerra Mundial, a generalidade do material fica está sujeito a licença *Creative Commons*<sup>39</sup> e pode, com atribuição de autoria, ser facilmente usado por investigadores.

O projecto recebeu contribuições de mais de 2.200 instituições culturais de toda a Europa, só o Instituto do Audiovisual Francês contribuiu com 8.000 vídeos de

---

<sup>38</sup> Informação recolhida em: [http://europa.eu/rapid/press-release\\_MEMO-10-586\\_en.htm?locale=en](http://europa.eu/rapid/press-release_MEMO-10-586_en.htm?locale=en)  
[http://www.ace-film.eu/wp-content/uploads/2011/02/CC\\_Europeana\\_Next\\_steps.pdf](http://www.ace-film.eu/wp-content/uploads/2011/02/CC_Europeana_Next_steps.pdf)  
[http://ec.europa.eu/information\\_society/newsroom/cf/itemlongdetail.cfm?item\\_id=4505](http://ec.europa.eu/information_society/newsroom/cf/itemlongdetail.cfm?item_id=4505)  
<http://www.europeana-collections-1914-1918.eu/> a 17 de Outubro 2014.

<sup>39</sup> Licenças de copyright criadas pela organização sem fins lucrativos, Creative Commons em 2002, que permitem estabelecer de uma forma mais simples quais as condições em que é permitido o acesso, a partilha e a utilização de determinado recurso.

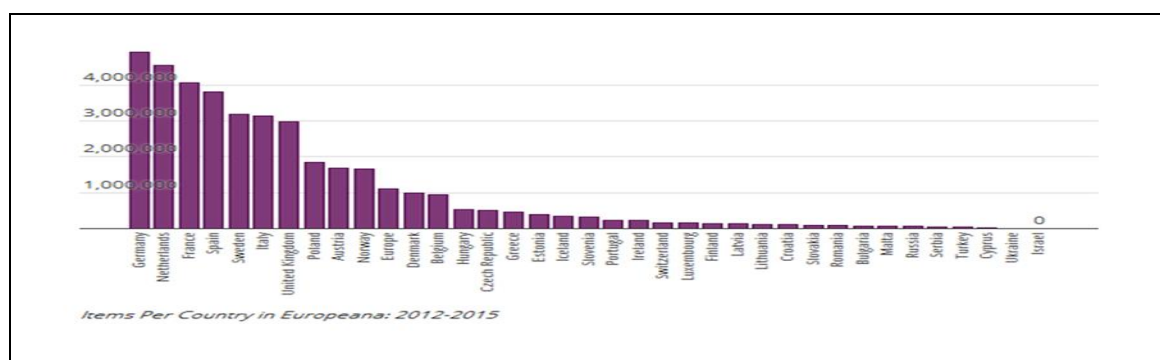
imagens filmadas em campos de batalha franceses em 1914. Esses vídeos incluem também conferências envolvendo vários historiadores franceses como Jacques le Goff e George Duby, entre outros.

Um vasto material já se encontra disponibilizado nos órgãos de origem, mas através da *Europeana*, a vantagem é a de podermos identificar o património histórico e cultural que está disperso por toda a Europa, em diferentes instituições, de ter todo este património reunido num só lugar e numa única plataforma.

Para que este património não se perca, a Biblioteca Digital Europeia concebeu a iniciativa *Collection Days* (*Roadshow* ou *Open Day* são outras designações utilizadas para o evento), um projecto que, entre 2014 e 2018 (o projecto começou na Alemanha em 2010, onde a resposta foi tão extraordinária que a iniciativa teve continuidade), irá percorrer vários países da Europa para registar, digitalizar e fotografar todo o tipo de materiais para memória futura.

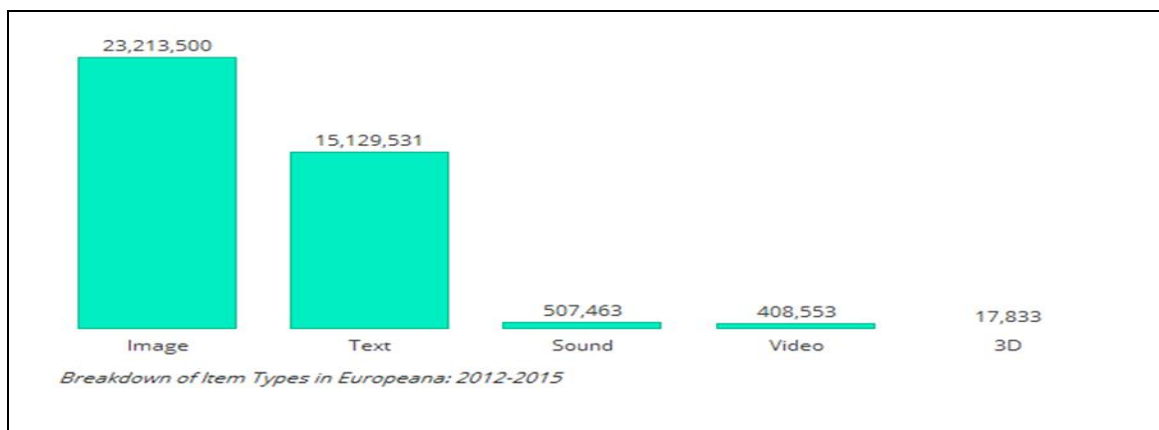
O projecto *Europeana 1914-1918* dará a arquivos, bibliotecas, museus, escolas e universidades a oportunidade de trabalhar em conjunto com o público de forma a criar novas e estimulantes formas de considerar o legado histórico, político e social da Primeira Guerra Mundial.

Os gráficos<sup>40</sup> que a seguir se apresentam indicam o número e a tipologia de objectos digitais disponíveis na *Europeana* de diferentes países europeus em 2015.



**Gráfico 1 - Repartição dos objectos digitais de diferentes países europeus disponíveis através da Europeana em 2015.**

<sup>40</sup> Gráficos retirados de <http://pro.europeana.eu/about-us/factsfigures> em 28 de Abril 2015.



**Gráfico 2 - Repartição por tipologia dos objectos digitais disponíveis através da Europeana em 2015**

#### **IV. 1. 3. Os Dias da Memória**

Entretanto foi lançado em Portugal um projecto específico para identificação, recolha, e divulgação de testemunhos das histórias e memórias individuais dos soldados envolvidos neste conflito que foi tão marcante para o nosso País.

Tornou-se evidente que para além da colaboração através da página do projecto e do *Facebook*, que um segundo método de *crowdsourcing* seria necessário para recolha do património disperso por diversas fontes. Com esta missão e com a designação de Dias da Memória, durante três dias (de 17 a 19 de Outubro de 2014), a Assembleia da República (que se associou ao projecto) recebeu dezenas de pessoas vindas de todo o país e que levaram um pouco da história pessoal de familiares, combatentes neste conflito, ajudando a perpetuar a memória da Grande Guerra. O resultado será digitalizado e ficará acessível nos sites *Europeana 1914-1918.eu* e no portal *Memórias da Guerra 1914-1918*.

A iniciativa permitiu traçar o retrato da participação portuguesa na I Guerra Mundial através do testemunho de milhares de pessoas que partilharam histórias de família, e todo o tipo de objectos relacionados com o conflito. Inúmeras histórias e objectos da I Guerra Mundial foram recolhidos durante o evento. Os cidadãos foram desafiados a partilhar as suas “memórias” com historiadores evitando assim que a Memória Colectiva de uma das guerras mais impactantes na humanidade, desapareça. Com este objectivo, reuniram-se histórias de familiares dos envolvidos no conflito, fotografaram-se objectos e digitalizaram-se documentos para mais tarde serem

disponibilizados no *site* Memórias da Guerra 1914-1918. O objectivo é que com a colaboração dos participantes, através deste mecanismo de partilha seja possível preservar um património importante que está sob a ameaça de desaparecer.

#### IV.1.3.1. Processo de implementação

Para o registo de memórias e objectos foi criado um circuito pelo qual as pessoas tiveram de passar e que permitiu aos investigadores fazer uma recolha organizada de toda a informação. Este circuito por etapas incluiu um registo inicial (momento em que é atribuída uma fita de cor verde, que identifica o visitante como participante), uma primeira entrevista (no casos de alguns testemunhos mais extensos foi solicitada uma segunda entrevista), o registo dos documentos e por fim um processo de *check in/check out* para fotografar ou digitalizar os materiais recebidos.

No processo inicial, os visitantes foram informados sobre a iniciativa e sobre como é que se processava o circuito e o participante foi apresentado aos entrevistadores dando início à sua visita.

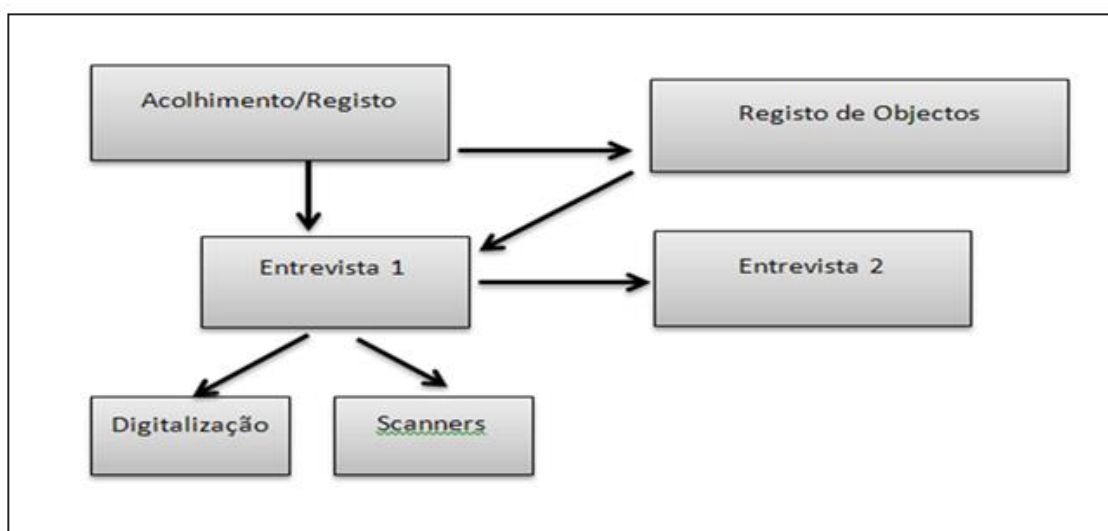


Figura 3 – Esquema do percurso adoptado na iniciativa Dias da Memória

#### **IV.1.3.1.1. Registo**

Na entrada, os visitantes foram convidados a registar-se dando os seus nomes e dados de contacto em formulários próprios. Foi atribuída uma cota de registo a cada participante, à qual foram sendo agregadas as restantes cotas conforme o posto de registo em que foram passando durante o processo. Cada formulário de apresentação foi acompanhado por um número, usado em todo o processo para garantir que as histórias e objectos fiquem associados ao participante que as trouxe.

Nesta etapa os participantes foram informados sobre as licenças de utilização do material, sem as quais, as histórias e os objectos não poderão ser utilizados. Foram explicadas as permissões e assinado um formulário de autorização e aceitação dos termos de uso. Neste formulário, o colaborador declara que o material não fica protegido por direitos de autor e que o proprietário do material autoriza a sua utilização.

#### **IV.1.3.1.2. Entrevista**

Após o processo de registo, o próximo passo foi a descrição dos itens numa das mesas de entrevista e o relato da história a eles associado, pessoas envolvidas, datas e locais. Esta informação é muito importante para a posterior catalogação. Nestas entrevistas foram colocadas algumas questões relevantes sobre a propriedade, origem, relação do proprietário do objecto com o dono original do mesmo e percurso do soldado antes e depois da guerra. Foi ainda possível, nesta fase ao entrevistador dar o seu contributo sobre o documento observado e/ou solicitar a intervenção de um especialista para obter informação complementar e detalhada sobre o mesmo.

#### **IV.1.3.1.3. Digitalização**

Nesta etapa, uma equipa específica que operou com *scanners* de mesa teve como objectivo digitalizar e catalogar os documentos numa espécie de *check in* pormenorizado para efeitos de posterior catalogação. Para este efeito foi utilizado um

formulário pré-concebido<sup>41</sup> onde constam campos como a data, nome do autor (por exemplo a pessoa que escreveu um determinado postal), quem está na fotografia, tipo de suporte (texto, imagem, etc.), tipo de objecto (se é uma carta, uma fotografia, um capacete, etc.). Por fim são atribuídas palavras-chave com base numa lista fechada.

Os objectos foram fotografados. Cumprida esta etapa os documentos e objectos foram devolvidos ao participante.

#### **IV.1.3.1.4. Último passo: tornar o material disponível via *Europeana 1914-1918***<sup>42</sup>

Os dados recolhidos foram tratados pelos investigadores do IHC e depois disponibilizados no site<sup>43</sup>. Antes da edição, a validade dos documentos recolhidos tem de ser verificada, e é necessária a atribuição de metadados aos documentos que serão virtualmente disponibilizados. Posteriormente, o material será enviado para o site da *Europeana 1914-1918* onde ficará disponível em livre acesso podendo ser visto em todo o mundo.

No final todos os participantes receberam um diploma de participação.

## **IV.2. Apresentação de dados**

### **Indicadores - Participantes, visitantes e escolas**

	Participantes registados	Acompanhantes	Visitantes da exposição
17/10/2014	30	26	116
18/10/2014	50	37	400
19/10/2014	48	43	926

<sup>41</sup> Anexo H – Ficha de documento ou objecto

<sup>42</sup> <http://www.europeana1914-1918.eu/pt>

<sup>43</sup> Processo analisado no ponto 2.1. do Capítulo IV

<b>Escolas envolvidas</b>	<b>Alunos</b>
Liceu Camões	67
Escola Josefa de Óbidos	28
Alunos de MCID	18

Durante os 3 dias deslocaram-se à Assembleia da República 1160 pessoas.

#### **Indicadores - registos de memórias e objectos**

Entrevistas 1 / registo áudio	115
Objectos registados	273

#### **Promoção do projecto**

Imprensa em números

<b>Data</b>	<b>Notícias</b>
12/10/2014	1
13/10/2014	4
14/10/2014	10
15/10/2014	6
16/10/2014	1
18/10/2014	11
19/10/2014	4

## Meios de comunicação em que o projecto foi divulgado

<b>Imprensa</b>
Açores 9 Online
Blog Taylors
Correio da Manhã
Expresso
Emotion Arts Online
Descla Online
CNC
Diário de Notícias
Diário Digital
i
Jornal da Madeira
Jornal de Notícias
Local. Pt Online
Jornal de Vieira
Lux Women
Notícias ao Minuto Online
Público
Observador
Primeiro de Janeiro
Sábado
Sol
Terras de Feira
Visão

<b>Televisão</b>
RTP
RTP2
RTP Informação
RTP Online
SIC
SIC Notícias
TVI
TVI 24 Online



Rádio
Antena1
Rádio Renascença
Rádio 94. Fm

## Organização

A organização dos Dias da Memória esteve a cargo do Instituto de História Contemporânea IHC / FCSH com os seguintes parceiros: Assembleia da República, Biblioteca Nacional de Portugal, *Europeana 1914 – 1918* e RTP.

## A equipa

Fizeram parte da equipa dos Dias da Memória, na recolha de testemunhos e registo de objectos um total de 33 voluntários na sua maioria investigadores ligados ao IHC/FCSH.

No que se refere à Assembleia da República, para além da cedência do espaço físico, também colaboraram no evento a equipa de Relações Públicas, as equipas do Arquivo e Museu, as equipas de Audiovisual e os Serviços de Segurança. O projecto contou também com a colaboração de 35 alunos voluntários do Liceu Camões que nos dias 18 e 19 de Outubro ajudaram a acolher as pessoas que se deslocaram à Assembleia da República para registar as suas memórias.

### IV.2.1. Tratamento da informação

Durante o evento foi reunido um grande número de objecto/documentos que tem de ser associados às histórias/memórias, mas *a posteriori* é necessário garantir que toda a informação é registada correctamente, porque as histórias e os objectos, assim como o seu protagonista têm de estar associados.

Depois de digitalizados e fotografados, os documentos ficam na “nuvem”, é utilizado um *plug-in*<sup>44</sup> a uma *dropbox*<sup>45</sup> para o processo de *download*<sup>46</sup> das imagens disponibilizadas pela Assembleia da República. De modo a validar as informações recolhidas, são requeridas as fichas dos militares junto do Arquivo Histórico-Militar ou através da Direcção-Geral do Exército. A gestão de todo o processo é feita através do sistema de gestão de dados *Microsoft Office Access* e fica automaticamente disponível no *site*.

Na gestão dos processos, a cada história/memória é atribuído um *ID* (*Identification Number*), ao qual se agrega toda a informação associada. Cada processo é referente a um indivíduo, mas como cada história de um indivíduo, pode ter mais do que um objecto associado (por exemplo o processo de um soldado pode ter três postais, um capacete e cinco fotografias), a cada um destes elementos é também atribuído um número.

Para além do tipo de informação que é processada, é também importante identificar quem é o investigador que acompanha o processo, de modo a garantir que o tratamento da informação é acompanhado sempre pelo mesmo investigador e assim garantir que nada é esquecido na ligação entre o objecto, a história e o seu protagonista. A identificação de todos os elementos é feita sob a forma de uma cota onde consta o ID da história, as iniciais do produtor do conteúdo e o número atribuído ao objecto.

No dia 16 de Abril de 2015, estavam disponíveis *online* 76 histórias e cerca de 350 objectos. Estão ainda para análise e tratamento da informação, cerca de 100 histórias/memórias recolhidas durante os Dias da Memória na Assembleia da República (em Outubro de 2014) e em Tomar (em Fevereiro de 2015), às quais estão associadas cerca de 170/180 objectos, alguns deles extremamente complexos como diários e álbuns de fotografias-postais. O *site* está em constante actualização.

---

<sup>44</sup> Programa de computador usado para adicionar funções a outros programas maiores, provendo alguma funcionalidade especial ou muito específica.

<sup>45</sup> Serviço para armazenamento e partilha de arquivos, baseado no conceito de "computação em nuvem" (*cloud computing*).

<sup>46</sup> Transmissão de dados de um dispositivo para outro através de um canal de comunicação previamente estabelecido. O uso mais comum do termo *download* está relacionado com a obtenção de conteúdo da Internet.

Em Fevereiro deste ano, na secção portuguesa da *Europeana*<sup>47</sup>, constavam já *online* 255 objectos pertencentes a 55 histórias.

#### IV.2.2 Análise do tratamento da informação dos documentos fotográficos

Para efeitos do presente estudo, a ideia inicial era seguir o percurso dos objectos/documentos (em especial o tratamento da informação relacionado com os documentos fotográficos) relacionados com a participação do meu avô<sup>48</sup>, o alferes Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga no conflito e que foram registados no evento Dias da Memória. A ideia inicial era seguir o tratamento da informação desde o registo até à publicação e disponibilização dos mesmos no *site* do projecto, no entanto devido ao imenso volume de documentação recolhida desde o início do projecto até à data, ainda não foi possível à equipa do IHC, o tratamento desta informação. Assim no presente trabalho optou-se por fazer uma análise ao tratamento da informação de algumas imagens fotográficas disponíveis para pesquisa no *site*, com enfoque para as que estão disponíveis no separador Dias da Memória.

A plataforma permite fazer uma pesquisa em texto livre. Cada história/memória é identificada com um *thumbnail*<sup>49</sup> a ela associada. Procedeu-se a uma análise exploratória, identificando no acervo fotográfico existente neste separador, os parâmetros utilizados para a identificação e descrição destes documentos, assim como as *tags* que são utilizadas para indexar o assunto com que o processo, na sua globalidade (história e objecto), está relacionado.

No que diz respeito ao tratamento da informação das imagens, constatou-se uma estruturação de três elementos: a construção de um título, a descrição do objecto (que está identificado como fotografia ou fotografia-postal) e a indexação de *tags*. O

---

<sup>47</sup> <http://www.europeana1914-1918.eu/en/collection/search?q=%22Instituto+de+Historia+Contempor%C3%A2nea+da+Faculdade+de+C%C3%A2ncias+Sociais+e+Humanas+da+Universidade+Nova+Lisboa+%E2%80%93+Portugal%22&qf%5Bindex%5D%5B%5D=a>

<sup>48</sup> Ver anexos B,C, D,E, F e G.

<sup>49</sup> Versões reduzidas de imagens.

tratamento da informação é feito num quadro no *backoffice*<sup>50</sup> do sistema, ficando as alterações automaticamente visíveis no *lay out*<sup>51</sup> do *site* numa ficha de identificação com a configuração a seguir apresentada.

<b>Informação Adicional</b>
Criador do conteúdo
Proprietário
Contribuinte
Contribuição em nome de
Tipo de objecto
Descrição do objecto
Informação adicional
<b>Pessoas a que o objecto está associado</b>
Nome
Cargo
<b>Teatros de Guerra</b>
<b>Mais informações</b>
Idioma
Região
Local
Data início
Data de fim
Local onde se encontra
Material/Suporte/Técnica
<b>Direitos e divulgação</b>
Entidade detentora de direitos
Tipo de direitos
Link para o objecto original

**Tabela 1 – Ficha de Identificação dos documentos fotográficos**

Numa adaptação da teoria de Lasswell<sup>52</sup>, procurou verificar-se a aplicação das premissas “Quem?”, “Onde”, “Quando” e “Como?” na observação da informação atribuída ao tratamento documental das imagens.

<sup>50</sup> Núcleo do sistema de informação que não é visível pelo utilizador final. Apresenta algumas tarefas disponíveis apenas para determinados utilizadores, coordenando os dados inseridos com o restante sistema.

<sup>51</sup> Estrutura física de uma página na internet que engloba elementos como texto, gráficos e imagens.

<sup>52</sup>Harold Lasswell (1902-1978) Investigador norte-americano nas áreas da política e das ciências sociais, conhecido pelo seu modelo de comunicação: *quem diz o quê*, a quem, *através de que canal* e *com que efeito*. Os desdobramentos das interrogações de Lasswell correspondem respectivamente: ao emissor; ao conteúdo; ao receptor; ao conteúdo; e, por último à análise do resultado.

Questão	Representação do conteúdo das imagens
Quem	Identificação do objecto
Onde	Localização da imagem no espaço geográfico
Quando	Localização da imagem no tempo cronológico
Como	Descrição dos detalhes relacionados com o objecto

**Tabela 2 – Questões para a análise do documento fotográfico**

Os dados sobre o assunto fotografado fornecem as seguintes informações: o que a imagem representa, o lugar, a ocasião, os personagens, a situação e a data. Estes dados são indispensáveis para a ficha de identificação da fotografia.

Olhando para estas questões e analisando os campos existentes para a descrição das fotografias, foi observado que relativamente a primeira questão “*Quem?*”, a informação está identificada em todos os documentos, existem no entanto excepções que se prendem com os retratos de grupo em que não foi possível identificar todos os indivíduos retratados. Os investigadores do IHC procuraram colmatar esta lacuna recorrendo ao *Facebook* onde disponibilizam a imagem à comunidade da página para uma eventual identificação dos indivíduos retratados. Quanto a este registo de personalidades, constatou-se ainda a existência de um campo específico para a designação do cargo do soldado retratado.

Nos próprios títulos atribuídos aos documentos, optou-se por atribuir o nome do combatente representado na fotografia. Entendeu-se que esta opção de personalização no título foi uma opção estratégica com o intuito de facilitar a recuperação do documento pelo nome do indivíduo retratado.

A resposta à pergunta “*Como?*” fica reservada para os campos [Descrição do objecto] onde se descrevem os detalhes encontrados através da análise da imagem. Foi observado que é no campo [Informação adicional] que constam as informações que não se podem inferir da análise da imagem, mas que de alguma forma são relevantes para contextualizar a fotografia.

A resposta à pergunta “*Quando?*”, que nos remete para a localização no tempo cronológico, conduz-nos às referências [Data de início] e [Data de fim] nem sempre presentes em todas as descrições, presume-se que pelo facto deste tipo de informação

ser muito difícil de obter quando não há um elemento textual associado. Esta informação na maior parte das ocorrências é genérica e relativa apenas ao ano, foram no entanto detectadas referências a datas mais específicas, onde está contemplado o dia, o mês e o ano.

Quanto à questão “Onde?” que representa a localização da imagem no espaço geográfico da imagem, foram encontradas algumas informações nos campos [Teatros de Guerra]: França, África e Atlântico; [Região]: Norte de França, Angola, Moçambique e Air-sur-la Lys e [Local]: Paris-Plage, Sá da Bandeira ou Niassa. Na maior parte dos documentos este campo está preenchido. Encontra-se justificação para lacunas sobre este tipo informação por não existirem nem indicadores na imagem, nem elementos textuais sobre o local onde foram tiradas as fotografias.

No campo [Local onde se encontra], encontramos outro tipo de referência geográfica, mas específico à localização actual do objecto físico.

Outras questões interessantes podem ser referidas, como a contemplação do campo [Criador do conteúdo], que tem uma interessante referência aos desaparecidos Armazéns do Chiado - a referência surge a propósito de uma fotografia tirada no estabelecimento, por um soldado em vésperas de partir para a guerra.

Quanto ao campo [Proprietário], que na maior parte dos casos é referente à identificação do familiar do combatente (por regra o actual proprietário da fotografia), encontram-se outras identificações, como por exemplo uma fotografia cuja propriedade é do Arquivo Histórico-Militar.

Embora o formato actual dos documentos que constam no site seja o formato *JPEG- Joint Photographic Experts Group*<sup>53</sup>, ao nível do tratamento da informação do documento fotográfico seria interessante desenvolver a informação referente às características do documento físico (cor, estrutura e formato). Foi encontrada esta informação, com a indicação “papel” associada a um documento no campo de descrição [Material/Suporte/Técnica], noutro processo a informação, “sépia” foi encontrada no campo [Informação adicional].

---

<sup>53</sup> Método usado para comprimir imagens fotográficas.

Observou-se que na descrição efectuada em algumas fotografias a maior parte destes elementos está presente, aferindo-se informação complementar através das *tags* adicionadas com recurso à lista de palavras-chave (que funciona como um pequeno thesaurus, embora não existam relações hierárquicas, nem de sinonímia),<sup>54</sup> e onde é indicado o número de ocorrências encontrado para cada *tag*.

É importante voltar a frisar que os documentos fotográficos, assim como os restantes objectos, surgem relacionados com o processo do combatente, protagonista de uma história que surge associada às respectivas “memórias”. Este facto é significativo, porque a atribuição das *tags* é, tendência global, feita ao processo no seu conjunto e não aos objectos a ele associados individualmente. Esta questão justifica-se porque para a *Europeana* apenas seguem os objectos, sem as histórias associadas e esta informação é fundamental para o enquadramento do objecto.

Na análise da informação, pode constatar-se (tal como foi confirmado com a equipa do IHC), que a totalidade das *tags* foi atribuída por estes profissionais, que seguem uma padronização. Apesar do método utilizado ser um misto de indexação e folksonomia, não se observa qualquer tipo de heterogeneidade o que normalmente se verifica quando há um recurso à etiquetagem colaborativa. Outra constatação é que a escolha deliberada deste método se justifica porque os termos descritores em causa estão directamente associados a questões históricas, o que implica a intervenção de um especialista neste processo. No caso da indexação e descrição destas imagens, é fundamental conhecer o contexto em que elas se inserem e o seu valor informacional e conteúdo histórico não pode ser posto em causa. A padronização verificada decorre da utilização da lista de palavras-chave em cima referida.

Com base na análise aos termos descritores (palavras-chave ou *tags*), constatou-se que desta lista são recorrentes as *tags*: [Corpo Expedicionário Português - CEP]; [Batalhas e combates]; [Dias da Memória]; [Doenças e cuidados de saúde]; [Frente Africana]; [Frente Ocidental]; [Memória]; [Prisioneiros de guerra], Outras *tags* como: [África]; [Artes e cultura]; [Condecorações]; [Diplomacia, Política externa e Relações internacionais]; [Guerra Submarina]; [Forças Armadas]; [Frente interna]; [Marinha]; [Mulheres]; [Organização Militar]; [Política interna]; [Pós-guerra,

---

<sup>54</sup> Anexo 1

preparação]; [Transportes] e [Vida nas trincheiras], também foram adicionadas mas com menos recorrência. Não foram encontradas adições de outras *tags* da lista a estes documentos.

Em conclusão, como acima foi referido é nos campos de descrição que se podem encontrar as informações que complementam a análise das imagens. A pesquisa histórica sobre as fotografias, que é neste campo que o projecto se situa, é composta pela verificação de diferentes elementos como a procedência, a referência temporal (pelo menos a data aproximada), identificação do autor (se possível), dados sobre a pessoa retratada, porque o desafio na indexação dos documentos fotográficos reside em “arquivar” a imagem nos seus vários contextos. Para este efeito, recorreu-se para além dos testemunhos dos doadores, a anotações no verso ou na frente das fotografias (que são na maior parte das vezes dedicatórias, mas que servem como fonte de extracção de informação caso sejam relevantes como por exemplo o nome das pessoas retratadas na imagem).

Verificou-se também no processo uma grande dinâmica entre o *site* e a página do *Facebook*. O *site* por exemplo tem um *link* para “likes” que remetem para o *Facebook* e através do *Facebook* como atrás foi referido que é feita muitas vezes a identificação dos indivíduos retratados nas fotografias, processo a que a equipa chama “validação por terceiros” e que acontece principalmente nas fotografias de grupo.

Não foi utilizado o recurso a normas de descrição genérica para a descrição de materiais de arquivo como as Orientações para a Descrição Arquivística – ODA<sup>55</sup>, à *General International Standard Archival Description - ISAD(G)*<sup>56</sup>, ou a regras específicas para a descrição de documentos fotográficos como as recomendações *SEPIADES - SEPIA Data Element Set, resultantes do projecto SEPIA - Saveguard European Photographic Images for Acces*, e que poderia resultar numa descrição mais completa.

Em conclusão, constatou-se que o sistema de gestão de imagens utiliza anotações manuais, tais como título/legenda, palavras-chave ou descrições de texto de modo a capturar a sua interpretação semântica. A vantagem destas anotações (a

---

<sup>55</sup> <http://act.fct.pt/wp-content/uploads/2014/05/ODA-3%C2%AA-vers%C3%A3o.pdf>

<sup>56</sup> <http://www.ica.org/10207/standards/isadg-general-international-standard-archival-description-second-edition.html>



relevância da parte manuscrita que acompanha a imagem, (título, legenda, dedicatórias, etc.), é que a informação dela extraída pode ser usada para fornecer uma interpretação mais apurada sobre a imagem. A desvantagem deste tipo de anotação é que é demorada e subjectiva, mas talvez a análise destas imagens fotográficas não necessite de uma revisão e de reformulações tão profundas nos seus métodos e técnicas, como imaginávamos ao iniciar esta análise porque a recuperação da informação em causa vai de encontro às expectativas do utilizador do site.

Os métodos descritivos e de indexação dependem da tipologia e natureza da instituição, e neste caso procurou ter-se em consideração os objectivos institucionais para que foi reunida. Uma vez que o nível de profundidade da indexação varia de acordo com as necessidades da unidade de informação, o mais importante foi a adopção de um padrão na indexação como forma de garantir que o acervo tem um tratamento homogéneo.

A identificação de uma imagem, em geral, requer o conhecimento do contexto em que foi tirada, de elementos, como por exemplo, a localização geográfica, a identificação dos indivíduos retratados, a situação ou a data em que a fotografia foi tirada, por isso, e se tivermos presente que a indexação de imagens acrescenta um valor informativo e documental à fotografia, reconhecemos também que é importante que o investigador que faz o tratamento da informação, para além das regras e os métodos específicos, entenda também o contexto em que elas se inserem, o seu conteúdo histórico e o valor informacional dos documentos e neste particular a opção tomada foi a de entregar este trabalho aos investigadores.

#### **IV.3. Apresentação e discussão dos resultados**

Através dos Dias da Memória, familiares dos soldados Portugueses que participaram no conflito tiveram a oportunidade de testemunhar histórias e de partilhar objectos históricos, que de outro modo nunca chegariam ao conhecimento do público. Através da digitalização, vai ser possível preservar para as futuras gerações os registos de um período decisivo da História europeia. Agora com as gerações que

não testemunharam o conflito, será possível reconstituir biografias pessoais e recuperar algo que se iria perder definitivamente.

Recorrer à multidão para preencher as lacunas de informação foi a melhor opção em termos de optimização de custos e principalmente de tempo, tão importante num projecto desta natureza. Um dos compromissos do projecto reflectiu-se na promoção e aproximação entre diferentes gerações, por exemplo, no Liceu Camões, em Lisboa, uma das escolas, a par com a Escola Secundária Josefa de Óbidos, que se juntaram a esta iniciativa, os alunos foram incentivados a recolher histórias junto das suas famílias sobre eventuais participações na I Guerra e a partilhá-las no projecto. Na perspectiva da promoção do projecto, o facto da informação sobre o evento ter sido amplamente divulgada antes de a iniciativa ocorrer, contribuiu de forma significativa para o sucesso do projecto, a cobertura pelos meios de comunicação e pelas redes sociais foi um poderoso catalisador para dar a conhecer o evento e incentivar o público participar.

Passaram pelo espaço que a Assembleia da República cedeu aos Dias da Memória mais de uma centena de pessoas que quiseram partilhar as suas “memórias” da I Guerra Mundial. O projecto teve uma grande adesão e a recolha de materiais produziu uma colecção bastante considerável de “documentos”. Artefactos importantes surgiram durante o evento, cantis, fardas, postais, armas, fotografias, diários e até um improvável cobertor. Tanto quanto foi possível averiguar, histórias e objectos, serviram como forma de diálogo entre os participantes e os investigadores, em torno de um fragmento da História.

Observou-se que no *site Memórias da Guerra 1914-1918* funciona uma plataforma para recolha, divulgação e exposição da informação reunida, noutros moldes o modelo de *crowdsourcing* a que se recorreu para os Dias da Memória poderá servir de piloto para futuros projectos, servindo como plataforma para investigadores, estudantes e outras instituições culturais reunirem histórias e documentos relativos a outros períodos da História. Quanto aos conteúdos recolhidos, fornecem sobretudo informação material para a criação de um arquivo digital único que de outra forma não seria salvaguardado para as gerações futuras, e o importante é que foi tida em conta a preservação digital na escolha dos formatos dos documentos e a possibilidade de

migração para outras plataformas, ampliando as possibilidades de preservação deste património, uma vez que está previsto caso o *site* seja encerrado no futuro a migração de toda a informação nele constante para o Projecto Rossio<sup>57</sup>.

O *feedback* neste tipo de projectos é muito importante para os colaboradores, no entanto, a fim de a informação poder ser utilizada a nível académico é necessário um grau de curadoria, o que tem inevitavelmente de envolver a entrada de um perito no processo de validação da informação, o que poderá atrasar o processo de disponibilização da informação.

A equipa do projecto está ciente que há um intenso trabalho a realizar depois do evento, que são necessários recursos (materiais e humanos) para a prossecução deste trabalho, porque antes das histórias serem publicadas no site, as mesmas precisam de ser editadas (a informação tem impreterivelmente de ser validada antes de ser publicada). No caso deste projecto em concreto, o facto de ser possível validar a informação histórica da informação através da confirmação dos dados pelos investigadores, contorna a desvantagem de uma possível falta de credibilidade dos materiais recolhidos.

Quando uma instituição envolve o público para enriquecer ou construir novos recursos, surgem também questões muito complexas como a questão integração do contributo da multidão com colecções institucionais, da convergência de conhecimentos profissionais e amadores ou da garantia de qualidade das contribuições do público. Neste estudo foi dedicado um ponto à questão das folksonomias porque foi o interesse inicial pelo tema que levou à descoberta (porque a ele se encontra associado), do conceito de crowdsourcing, no entanto, e não só neste projecto em concreto, a aceitação de contribuições de membros do público para a inclusão de documentos nas colecções levanta a questão da validação das

---

<sup>57</sup> O projecto Rossio é uma infra-estrutura de investigação de referência para as Ciências Sociais, Artes e Humanidades promovida por um consórcio coordenado pela FCSH/NOVA. Aprovado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), a missão principal do projecto é a de agregar, organizar, interligar, contextualizar, enriquecer e difundir um universo ímpar de conteúdos digitais provenientes das actividades de investigação, repositórios, arquivos, bibliotecas, colecções de arte e bancos de dados pertencentes a um conjunto de instituições de referência reunidas em consórcio para realizar um plano de acção comum, uma demonstração do projecto pode ser observada em <http://rossio.fcsb.unl.pt/>.

contribuições, porque é fundamental alcançar um nível desejado de confiabilidade e qualidade dos conteúdos agregados.

Concluiu-se que embora se possa considerar a folksonomia como uma boa ferramenta de organização para conteúdos gerados pela *Web*, a sua aplicabilidade nas técnicas organizacionais em ciências da informação só é viável desde que se crie um sistema terminologicamente estruturado, que permita a utilização da linguagem natural na sua indexação, mas que ao mesmo tempo, num interface não visível, ocorra uma linguagem documental que faça a organização dos conteúdos. Para a prossecução deste objectivo, sugere-se a junção das folksonomias às ontologias, criando sistemas automatizados de organização de conteúdos que dependeriam da interferência do indexador na análise dos novos termos.

Numa reflexão sobre o impacto que o *crowdsourcing* tem sobre a gestão da informação e sobre a profissão de arquivista, Eveleigh (2012, p. 1) fala na necessidade de uma metamorfose profissional, e Solanilla (2008, p. 109) aborda de dois pontos de vista radicalmente diferentes: de um lado o de alguns autores que argumentam que deve ser o profissional de informação que deve codificar e classificar as memórias com o objectivo de garantir o rigor e a coerência do processo, e uma visão oposta que defende que com a intervenção do especialista há o risco manipulação da informação.

A equipa do IHC não tem recorrido a voluntários e está neste momento a ser dada formação a colegas para poderem colaborar na validação da informação. Neste momento a equipa é constituída por dois elementos. Com base no que foi observado noutros projectos de *crowdsourcing*, considera-se que seria positivo o recurso a elementos externos para a colaboração deste processo de tratamento da informação - não tem de ser um recurso à multidão no sentido lato do termo, como foi feito relativamente à recolha de memórias e objectos - mas um recurso a especialistas como por exemplo, alunos de História ou de Ciências da Documentação, cuja formação é uma mais-valia para este tipo de tarefa. O importante neste caso seria assegurar a qualidade e precisão dos dados, trabalho de supervisão que poderia ser realizado por um elemento do IHC durante todo o processo de monitorização da informação. Convidar os alunos para editar, atribuindo-lhes tarefas de edição significativas, ajudaria a acelerar o processo de disponibilização da informação, permitindo-lhes

participar e acrescentar valor ao seu curriculum, num projecto supervisionado por especialistas.

Sendo o *crowdsourcing*, um fenómeno, já com algumas iniciativas noutras áreas de actuação, na área da edição é relativamente novo. Fica a sugestão de recorrer a esta “multidão”, considerando que o recurso ao *crowdsourcing* deve ser escalável não se limitando à recolha da informação mas também a outros níveis de participação, e mesmo persistindo algum cepticismo, existem alguns casos de sucesso muito significativos e em que foram asseguradas as questões de rigor e fiabilidade da informação.

Reconsiderar a relação entre o conhecimento institucional, o potencial colaborativo e os conteúdos obtidos através da multidão é, provavelmente, o principal desafio que as instituições têm que enfrentar quando se envolvem num processo deste tipo.

Tanto quanto foi possível averiguar durante este estudo, surgiram nos últimos anos uma série de projectos por todo o mundo, mas a implementação do conceito de *crowdsourcing* não ainda uma prática consubstanciada nas instituições nacionais. No entanto esta metodologia - onde o conteúdo fornecido através do processo de *crowdsourcing* é recolhido de forma a produzir uma nova colecção ou colecções, em torno de comunidades específicas - tem vindo a ser cada vez mais absorvida pelas instituições que fazem crescer organicamente os seus conteúdos, bem como a divulgação e comunicação dos seus acervos a novos utilizadores.

Existem inúmeras vantagens na implementação de projectos de *crowdsourcing* nas instituições que tutelam património, o surgimento de novas formas de interacção com os utilizadores revelam benefícios óbvios para a gestão e divulgação dos acervos, do outro lado, os indivíduos envolvidos neste tipo de projectos encontram valor na contribuição para investigação do património e enriquecimento de sua identidade histórica e cultural. A adopção cada vez mais generalizada deste tipo de projectos abriu uma ampla gama de oportunidades para as instituições de memória que em todo o mundo que têm vindo a receber mais visitas virtuais do que presenciais.

As iniciativas de *crowdsourcing* podem ser temporárias quando estão ligados a um evento específico - devido a limitações de orçamento, ou devido a uma escolha específica da instituição para executar o projecto em determinado tempo - mas podem também não ter um fim programado, como o *StoryCorps*, que recolhe permanentemente entrevistas de pessoas.

É importante ter em conta que por vezes os níveis de contribuição da multidão variam consoante a finalidade do projecto, enquanto noutros casos é o contacto com os participantes que faz mudar a concepção do projecto. De qualquer modo, os resultados sugerem que no caso das ciências sociais não há um modelo que possa ser adaptado a todos os casos, e que terão de ser exploradas, caso a caso, as melhores formas de envolvimento com o público.

A progressiva adopção deste tipo de projectos dá às instituições novos públicos e uma nova dinâmica, mas são necessárias competências organizativas e de investigação no que concerne, por exemplo, à concepção do projecto. Um facto constatado é o de que quando se regista um grande envolvimento do público, contrariamente à estrutura prevista inicialmente, normalmente a organização tem de expandir o seu papel institucional, recrutando novos recursos, humanos e materiais, para garantir a prossecução do projecto.

A análise do projecto do Instituto de História Contemporânea (IHC/FCSH) levou à identificação de duas tendências principais: a possibilidade de aumento de documentos e o desenvolvimento de novos recursos. Muitos documentos históricos estão dispersos entre a população, algumas pessoas podem ter informações pertinentes sobre um determinado documento que está à guarda de uma instituição e que é urgente identificar, e o *crowdsourcing* pode fornecer de facto um vislumbre sobre as formas como o público e instituições podem descobrir juntos a sua herança cultural e abordar nichos de História que até agora não foram explorados.

É importante que as instituições absorvam as metodologias inerentes a este tipo de projectos, o alcance social e estratégia do projecto na comunicação social - que é fundamental -, a colaboração com os membros da comunidade, a supervisão pela instituição da qualidade dos conteúdos recolhidos, que os projectos tenham um propósito e tarefas claramente delineadas, assim como um público-alvo definido. Com

estes pressupostos, quanto mais casos de sucesso existirem mais probabilidade há de aceitação do modelo e poder-se-á vislumbrar um futuro cheio de novas histórias sobre o passado e sobre o presente.

Apresenta-se como óbvio e recuando à pergunta de partida que deu origem a esta investigação, que o recurso ao *crowdsourcing* é um processo habilitado para a recuperação da informação e construção de Memória Colectiva. Esta evidência encontra sustentação no estudo de caso e na análise teórica sobre o tema. Neste momento já não é possível recolher memórias daqueles que tiveram participação directa no conflito, mas como se pôde constatar as famílias, que detêm algumas dessas memórias, pretendem assegurar a sua transmissão e preservação e estão dispostas a dar o seu tempo e memórias (foi notório que a colaboração com os doadores foi das partes mais gratificantes para a equipa do IHC), sendo o centenário da I Guerra Mundial o momento ideal para dar visibilidade a este projecto.

A tendência colaborativa que emerge com este tipo de projectos no âmbito dos GLAM parece ser irreversível, porque arquivar não é entesourar, sendo surpreendente a quantidade de projectos que têm sido criados nesta área com o objectivo de recuperar a informação, ficou no entanto claro que para que estas iniciativas sejam eficazes na prossecução dos seus objectivos, tem de haver uma formulação clara sobre se o tipo de tarefa e se as plataformas escolhidas são as indicadas.

## Conclusão

Foi objectivo deste trabalho de investigação contribuir para o conhecimento do conceito de *crowdsourcing*, objectivo que se procurou alcançar através da análise da sua viabilidade e aplicabilidade na perspectiva das instituições ligadas ao património. Através da análise dos vários entendimentos descritos na literatura, espera-se que este estudo seja um ponto de partida relevante para a obtenção de um maior entendimento sobre o tema.

A metodologia de pesquisa utilizada neste estudo implicou uma revisão bibliográfica, e com base no referencial teórico apresentado foi possível compreender os conceitos base da problemática da investigação. Já para responder à pergunta de partida "Será o recurso ao *crowdsourcing* um modelo válido para a recuperação da informação e construção de Memória Colectiva?", começou-se por estudar alguns conceitos associados neste plano, como o da Memória Colectiva, Sabedoria das Multidões e Inteligência Colectiva.

Tanto quanto foi possível averiguar na análise (ponto III.4 do capítulo III) de alguns sites nacionais e estrangeiros, com vista à identificação de boas práticas de *crowdsourcing*, tem-se verificado uma grande adesão das instituições a um número crescente de serviços *Web 2.0*, o que indicia que estes serviços têm contribuído para melhorar a relação entre as instituições e o seu público.

Através da informação assimilada no decorrer da presente investigação e da observação e análise do estudo do *Projecto Memórias da I Guerra Mundial 1914-1918*, foi possível aferir que a problemática da preservação de património cultural material e imaterial da Humanidade é uma questão pertinente, actual e alvo de interesse colectivo. A resposta dada pelos participantes, a ligação existente entre todos os envolvidos e a dinâmica das páginas *Web* resultantes do projecto permitem concluir que a utilização destes novos modelos como solução para a inventariação do património cultural imaterial disperso se afigura, até à data, como uma aposta de sucesso e que o *crowdsourcing* neste domínio se pode estabelecer como uma prática eficaz.



Seria de todo interesse acompanhar o processo posterior à recolha dos conteúdos, mas por limitações de tempo tal não foi possível e o âmbito do estudo teve que se restringir à iniciativa dos *Dias da Memória* e à análise de uma parte dos documentos disponibilizados no *site*.

Seria igualmente interessante acompanhar o projecto, procurando determinar qual é a receptividade dos participantes a estes projectos e averiguar em que medida é que o *crowdsourcing* leva à captação de novos públicos.

Na realidade, uma infinidade de iniciativas de *crowdsourcing* podem ser desenvolvidas no âmbito do património histórico, cultural e social, nomeadamente sobre outros períodos marcantes da História do País, e seria significativo observar como projectos relativos a períodos mais recentes da História de Portugal, como a Guerra Colonial ou o 25 de Abril poderão beneficiar das vantagens do *crowdsourcing*, porque neste caso as memórias ainda estão vivas e os seus protagonistas podem partilhá-las. A repetição deste estudo dentro de algum tempo seria pertinente, procurando traçar a evolução que certamente irá ocorrer com o aparecimento de outros projectos e realizando-se nessa altura uma abordagem comparativa.

Ressalva-se ainda que este trabalho não tem a pretensão de ser abrangente, nem todos os projectos neste âmbito foram referidos, bem como algumas publicações sobre o tema, no entanto procurou-se identificar quais os elementos que contribuem para que projectos deste âmbito tenham sido casos de sucesso.

Embora quanto mais casos de sucesso existirem maior probabilidade há de as mesmas virem a ser aceites por parte das instituições congéneres, da realização deste estudo, não resulta porém, a convicção que o futuro passe por uma substituição radical das actuais metodologias de trabalho. Constatou-se que há ainda um longo caminho a percorrer até as organizações absorverem estas metodologias dentro das suas estruturas, e que a multidão indeterminada referida por Howe (2006), dará provavelmente lugar a comunidades organizadas de peritos, que darão respostas às exigências cada vez mais complexas que se afiguram no domínio da preservação da Memória Colectiva.

## Referências bibliográficas

ANDERSON, Scott R.; ALLEN, Robert B. - Envisioning the Archival Commons. American Archivist. [Em linha]. Vol. 72, (2009). p. 383-400. [Consult. 22 Nov. 2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://boballen.info/RBA/PAPERS/AmArchivist/AndersonAllenAA.pdf>>.

AQUINO, Maria Clara – Hipertexto 2.0, folksonomia e memória colectiva: Um estudo das tags na organização da web. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. [Em linha]. Vol.7 (2007). [Consult. 21 Out. 2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewArticle/165>>.

ASSMANN, JAN; CZAPLIKA, John - Collective Memory and Cultural Identity. New German Critique. [Em linha]. n.º 65 (1995), p. 125-133. [Consult. 22 Nov. 2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/488538?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21103410035147>>.

BAPTISTA, Ana Alice; CATARINO, Maria Elisabete - Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na Web. Datagramazero – Revista de Ciência da Informação. [Em linha]. Vol. 8, n.º 3 (2007). [Consult. 11 Nov. 2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://hdl.handle.net/1822/7162>>.

BEDERSON, Benjamin B. , QUINN, Alexander J, - A Taxonomy of Distributed Human Computation. In Proceedings of the SIGCHI conference on human factors in computing systems [Em linha]. New York, 2011. [Consult. 2 Set. 2014]. Disponível em WWW: <URL: [http://alexquinn.org/papers/Human%20Computation,%20A%20Survey%20and%20Taxonomy%20of%20a%20Growing%20Field%20\(CHI%202011\).pdf](http://alexquinn.org/papers/Human%20Computation,%20A%20Survey%20and%20Taxonomy%20of%20a%20Growing%20Field%20(CHI%202011).pdf)>

BRANDT, Mariana Baptista - **Etiquetagem e folksonomia: uma análise sob a óptica dos processos de organização e recuperação da informação na web**. [Em linha]. Brasília: Universidade de Brasília, 2009. Dissertação de Mestrado. [Consult. 20 Nov. 2013]. Disponível em WWW: <URL: [http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=6259](http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6259)>.

BOADAS, Joan; CASELLAS, Lluís-Esteve; Suquet; M. Àngeles – **Manual para la gestión de fondos y colecciones fotográficas**. Girona: CCG Ediciones, 2001. ISBN 84-95483-11-4.

BOCCATO, Vera Regina Casari; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes – Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. Cadernos BAD. [Em linha], n.º 2 (2006), p. 84-100. [Consult. 18 Out. 2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.apbad.pt/CadernosBAD/Caderno22006/VRCBocatoMSLFujitaCBAD206.pdf>>.

BUCKLAND, Michael K. – What is a “Document”? Journal of American Society for Information Science. [Em linha]. Vol.4, n.º 9 (1997), p. 804-809. [Consult. 10 Out. 2014]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.columbia.edu/cu/libraries/inside/units/bibcontrol/osmc/bucklandwhat.pdf>>.

CASTELLS, Manuel - A galáxia internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007. 325 p. ISBN 972-31-1065-2

Causer, Tim; TERRAS, Melissa - Crowdsourcing Bentham: Beyond the Traditional Boundaries of Academic History. International Journal Of Humanities & Arts Computing. [Em linha]. Vol. 8, n.º1 (2014) p. 46-64. [Consult. 2 Fev. 2015]. Disponível em WWW: <URL: <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=9b0dc89c-88cc-4135-99ab-f37df5f46815%40sessionmgr4002&vid=8&hid=4201>  
doi:10.3366/ijhac.2014.0119

COUTURE, Carol; ROUSSEAU, Jean-Yves - **Os Fundamentos da Disciplina**

**Arquivística**. 1ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998. 358 p. ISBN 972-20-1428-5

DAINES, J. GORDON; NIMER, Cory - Web 2.0 and Archives. The Interactive Archivist. [Em linha]. (2009). [Consult. 10 Out. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://interactivearchivist.archivists.org/>>.

DANIELS, Caroline [et al.] - Community as Resource: Crowdsourcing Transcription of an Historic Newspaper. Journal of Electronic Resources Librarianship [Em linha]. Vol.26. n.º 1 (2014). p. 36-48. [Consult. 28 Abr. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://dx.doi.org/10.1080/1941126X.2014.877332> ISSN: 1941-1278

DUNN, Stuart, HEDGES, Mark - Connected Communities: Crowd-Sourcing in the Humanities: A Scoping Study. [Em linha]. [S.l.; s.n.], 2013. [Consult. 07 Out. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.oxfordaspiremuseums.org/sites/default/files/Crowd%20Sourcing%20in%20the%20Humanities.pdf>>.

DUNN, Stuart, HEDGES, Mark - Crowd-sourcing as a Component of Humanities Research Infrastructures. International Journal of Humanities and Arts Computing. [Em linha]. Vol.7, n.º1/2 (2013) p. 147–169. [Consult. 12 Jul. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=9b0dc89c-88cc-4135-99ab-f37df5f46815%40sessionmgr4002&vid=18&hid=4201> doi:10.3366/ijhac.2013.0086

ECO, Umberto – **Como se faz uma tese em Ciências Humanas**. 16ª ed. Lisboa : Presença, 2010. 238 p. ISBN 978-972-23-1351-3.

ESTELLÉS-AROLAS, Enrique - Relación entre el crowdsourcing y la inteligencia colectiva: el caso de los sistemas de etiquetado social. [Em linha]. Valencia: Universidade Politècnica de Valencia, 2013. Tese de Doutoramento. [Consult. 10 Out. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://riUNET.upv.es/handle/10251/31661>>.

ESTELLÉS-AROLAS, Enrique; GONZÁLEZ-LADRON-DE-GUEVARA, Fernando - Towards an integrated crowdsourcing definition. Journal of Information Science. [Em linha]. Vol. XX, n.º X, (2012), p.1-14. [Consult. 10 Out. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.crowdsourcing-blog.org/wp-content/uploads/2012/02/Towards-an-integrated-crowdsourcing-definition-Estell%C3%A9s-Gonz%C3%A1lez.pdf>>.

ESTELLÉS-AROLAS, Enrique; GONZÁLEZ-LADRON-DE-GUEVARA, Fernando - Clasificación de iniciativas de crowdsourcing basada en tareas. El Profesional De La Información. [Em linha]. Vol. 21, n.º 3 (2012), p. 283-291. [Consult. 10 Out. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=9b0dc89c-88cc-4135-99ab-f37df5f46815%40sessionmgr4002&vid=12&hid=4201> doi:10.3145/epi.2012.may.09

EVANS, M. J. - Archives of the People, by the People, for the People. American Archivist. Vol. 70, n.º 2 (2007), p.387–400. [Consult. 10 Jul. 2014]. Disponível em WWW: <URL: [http://yalearchivalreadinggroup.pbworks.com/f/max\\_evans\\_article.pdf](http://yalearchivalreadinggroup.pbworks.com/f/max_evans_article.pdf)>.

EVELEIGH, Alexandra - Welcoming the World: An Exploration of Participatory Archives. International Council on Archives Brisbane, Austrália, 2012 [Em linha]. [Consult. 11 Jan. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://ica2012.ica.org/files/pdf/Full%20papers%20upload/ica12Final00128.pdf>

EVELEIGH, Alexandra; FLEURBAAY, Ellen - Crowdsourcing: Prone to Error? International Council on Archives Conference. Brisbane, Austrália, 2012 [Em linha]. [Consult. 10 Out. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://ica2012.ica.org/files/pdf/Full%20papers%20upload/ica12Final00271.pdf>>.

EVELEIGH, Alexandra - Crowdsourcing out the archivist? Locating crowdsourcing within the broader landscape of participatory archives. In RIDGE, Mia – Crowdsourcing our cultural heritage. [Em linha]. United Kingdom: Ashgate 2014.[Consult. 20 Nov. 2014]. Disponível em WWW: <URL:<http://discovery.ucl.ac.uk/1429960/1/Eveleigh-crowding-out-archivist.pdf>>. ISBN 978-147-241-0221.

GLASSEY, Olivier - Folksonomies: Spontaneous crowd sourcing with online early detection potential? Futures 44 .[Em linha]. (2012). p. 257-264. [Consult. 28 Jun. 2014].Disponível em WWW: <URL: <http://dx.doi.org/10.1016/j.futures.2011.10.008>

HEDSTROM, Margareth - Archives, memory, and interfaces with the past. Archival Science. [Em linha]. n.º 2 (2002), p. 21–43. [Consult. 9 Out. 2014]. Disponível em WWW:<URL: [http://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/41817/10502\\_2004\\_Article\\_5096450.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/41817/10502_2004_Article_5096450.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>.

HOLLEY, Rose - Crowdsourcing and social engagement: potential, power and freedom for libraries and users. [Em linha]. (2009) [Consult. 2 Set. 2014]. Disponível em WWW: <URL: [http://eprints.rclis.org/13968/1/Rose\\_Holley\\_PRDLA\\_Crowdsourcing\\_Nov\\_2009\\_Final\\_version.pdf](http://eprints.rclis.org/13968/1/Rose_Holley_PRDLA_Crowdsourcing_Nov_2009_Final_version.pdf)>.

HOLLEY, Rose - Crowdsourcing: How and Why Should Libraries Do It?. D-Lib Magazine [Em linha]. Vol. 16, n.º 3/4 (2010) [Consult. 11 Set. 2014]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.dlib.org/dlib/march10/holley/03holley.print.html>>.

HOWE, Jeff - The Rise of Crowdsourcing. Wired Magazine. [Em linha] (2006). [Consult. 7 Jan. 2014]. Disponível em WWW: <URL: [http://sistemas-humano-computacionais.wdfiles.com/local--files/capitulo%3Aredes-sociais/Howe\\_The\\_Rise\\_of\\_Crowdsourcing.pdf](http://sistemas-humano-computacionais.wdfiles.com/local--files/capitulo%3Aredes-sociais/Howe_The_Rise_of_Crowdsourcing.pdf)>.

KEENAN, Ian - The archival eye: new ways for archivists to look at and describe photographs. [Em linha]. Manitoba: University of Manitoba, 2011. Tese de Doutoramento. [Consult. 9 Jul. 2014]. Disponível em WWW: <URL: [http://mspace.lib.umanitoba.ca/bitstream/1993/4916/1/Keenan\\_Ian.pdf](http://mspace.lib.umanitoba.ca/bitstream/1993/4916/1/Keenan_Ian.pdf)>.

KOSSOY, Boris - Imagem fotográfica e história. História Viva. [Em linha]. Ed. 27 (2006). [Consult. 9 Jul. 2014]. Disponível em WWW: <URL: [http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/imagem\\_fotografica\\_e\\_historia\\_imprimir.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/imagem_fotografica_e_historia_imprimir.html)>.

LE GOFF, Jacques - Memória. In História e Memória. Lisboa: Edições 70, 2000. 246 p. (Coleção Lugar da História) ISBN: 972-44-1027-7. vol.2.

LEITÃO, Paulo Jorge O. Leitão - Uma Biblioteca nas Redes Sociais: o caso da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian no FLICKR. In Congresso BAD, X, Lisboa, 2010.

LÉVY, Pierre – A Inteligência Colectiva: Para uma antropologia do Ciberespaço. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. (Coleção Epistemologia e Sociedade). ISBN 972-8329-89-X

MATUSIAK, Krystyna K. - Towards user-centered indexing in digital image collections. OCLC Systems & Services: International digital library perspectives. [Em linha]. Vol. 22, n.º 4 (2006),p. 283-298. [Consult. 5 de Jun. 2014]. Disponível na WWW: <URL: <http://dx.doi.org/10.1108/10650750610706998>

MCKINLEY, Donelle – **How effectively are crowdsourcing websites supporting volunteer participation and quality contribution?** [Em linha]. New Zealand: Victoria University of Wellington, 2013. Tese de Doutoramento. [Consult. 9 Jul. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://nonprofitcrowd.org/wp-content/uploads/2014/11/McKinley-NDFbarcamp-June2013.pdf>>.

NORUZI, Alireza - *Folksonomies: Why do we need controlled vocabulary?* Webology. [Em linha]. Vol. 4, n.º 2 (2007). [Consult. 2 Nov. 2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.webology.org/2007/v4n2/editorial12.html>>.

OOMEN, Jonhan.; AROYO, Lora. - Crowdsourcing in the cultural heritage domain: opportunities and challenges. In Proceedings of the 5th International Conference on Communities and Technologies. Brisbane, Austrália, 2011. [Em linha]. p. 138-149. [Consult. 15 Fev. 2014]. Disponível em WWW: <URL: [http://www.iisi.de/fileadmin/IISI/upload/2011/p138\\_oomen.pdf](http://www.iisi.de/fileadmin/IISI/upload/2011/p138_oomen.pdf)>.

OWENS, Trevor - Digital cultural heritage and the crowd. Curator: The Museum Journal. [Em linha]. Vol. 56, n.º1, p. 121-130 (2013). [Consult. 11 Mar. 2014]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.crowdconsortium.org/wp-content/uploads/Digital-Cultural-Heritage-and-the-Crowd.pdf>>.

PARASCHAKIS, Dimitris - **Crowdsourcing cultural heritage metadata through social media gaming**. [Em linha]. Malmö: Universidade de Malmö, 2013. Tese de doutoramento. [Consult. 2 Jul. 2014]. Disponível em WWW: <URL: [http://dspace.mah.se/dspace/bitstream/handle/2043/16114/Paraschakis\\_A4.pdf?sequence=2](http://dspace.mah.se/dspace/bitstream/handle/2043/16114/Paraschakis_A4.pdf?sequence=2)>.

PETERS, Isabella - **Folksonomies. Indexing and retrieval in web 2.0**. Berlim: De Gruyter Saur, 2009. ISBN 978-3-598-25179-5.

PINTO MOLINA, María; GARCÍA MARCO, F. Javier; AGUSTIN LACRUZ, Maria del Carmen, - Indización y resumen de documentos digitales y multimedia : técnicas y procedimientos. Gijón : Ediciones Trea, 2002. Colección Biblioteconomía y Administracion Cultural. 350 p. ISBN: 84-9704-023-6

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van – **Manual de investigação em ciências sociais**. 4ª ed. Lisboa : Gradiva, 2005. 282 p. ISBN 972-662-275-1.



RIDGE, Mia - *Frequently Asked Questions about Crowdsourcing in Cultural Heritage. Open Objects*. [Em linha]. (2012). [Consult. 17 de Nov. 2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://openobjects.blogspot.co.uk/2012/06/frequently-asked-questions-about.html>>.

SÁNCHEZ VIGIL, Juan Miguel - La fotografía como documento en el siglo XXI. *Documentación de las Ciencias de la Información*. [Em linha]. n.º24, (2001), p. 255-267 [Consult. 10 Nov. 2009]. Disponível em WWW: <URL: <file:///C:/Users/Staples/Downloads/20450-20490-1-PB.PDF>>. ISSN: 0210-4210

SILVA, Armando B. Malheiro da - A gestão da informação arquivística e suas repercussões na produção do conhecimento científico. In *Seminário Internacional de Arquivos de Tradição Ibérica, 2000*. [Em linha]. Rio de Janeiro : CONARQ: Conselho Nacional de Arquivos e ALA - Asociacion Latinoamericana de Archivos , 2000. p. 1-31. [Consult. 11 Jul. 2013]. Disponível em WWW:.. <URL: [http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/ibericas/a\\_gesto\\_da\\_informao\\_arquivstica.pdf](http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/ibericas/a_gesto_da_informao_arquivstica.pdf)>.

SANTOS, Thais Helen do Nascimento – Indexação de imagens no Flickr: uma análise da folksonomia na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. *Páginas a&b*. [Em linha]. S.3, n.º 1 (2014), p. 3-13. [Consult. 10 Nov. 2009]. <URL: <http://ojs.letras.up.pt/ojs/index.php/paginasueb/article/view/568>>.

SIMON, Nina - *The Participatory Museum* [Em linha]. Santa Cruz: Museum 2.0, 2010. [Consult. 11 de Nov. 2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.participatorymuseum.org/read/>>.

SCHWARTZ, Joan - Coming to Terms with Photographs: Descriptive Standards, Linguistic "Othering", and the Margins of Archivry. *Archivaria* [Em linha]. n.º 54 (2002), p. 142-171. [Consult. 3 Jul 2012]. Disponível em www: <URL: <http://journals.sfu.ca/archivar/index.php/archivaria/article/view/12861/14092>>.

SHLAK, Timothy Michael - **Image retrieval as information seeking behaviour? Self-categorizations of user motivations to retrieve images**. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 2010. [Em linha]. [Consult. 22 Dez. 2013]. Tese de Doutoramento. Disponível em WWW: <URL: [http://d-scholarship.pitt.edu/10381/1/Schlak\\_Tim\\_M\\_December\\_15\\_2010.pdf](http://d-scholarship.pitt.edu/10381/1/Schlak_Tim_M_December_15_2010.pdf)>.

SOLANILLA, Laura - The Internet as a Tool for Communicating Life Stories: a New Challenge for “Memory Institutions”. International journal of intangible heritage [Em linha]. Vol. 3 (2008), p. 103-116. [Consult. 7 Fev. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.academia.edu/10085067>>.

SONTAG, Susan – **Ensaio sobre fotografia**. 1ª ed. Lisboa: Quetzal, 2012. ISBN 978-989-722-058-6.

SUROWIECKI, James - A sabedoria das multidões. Ed. Lisboa: Lua de Papel, 2007. 336 p. ISBN 9789724150451

TRANT, J. - Studying Social Tagging and Folksonomy: A Review and Framework. Journal of Digital. [Em linha]. Vol.10, n.º 1 (2008). [Consult. 21 Jan. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://journals.tdl.org/jodi/index.php/jodi/article/viewArticle/269>>.

VIEIRA, Angel Freddy Godoy ; GARRIDO, Isadora dos Santos - Folksonomia como uma estratégia para Recuperação Colaborativa da Informação. DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação [Em linha]. Vol.12, n.º 2 (2011). [Consult. 11 Nov. 2013]. Disponível em WWW: <URL: [http://www.datagramazero.org.br/abr11/Art\\_02.htm](http://www.datagramazero.org.br/abr11/Art_02.htm)>.

WAL, Thomas Vander. *Folksonomy*. [Em linha]. 2007. [Consult. 2 de Out. 2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.vanderwal.net/folksonomy.html>>.

YEDID, Nadina – Introducción a las folksonomias: Definición, características y diferencias com los modelos tradicionales de indización. InformacionCultura Y Sociedad. [Em linha]. n.º 29, (2013), p. 13-26. . [Consult. 2 de Set. 2014]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.scielo.org.ar/pdf/ics/n29/n29a02.pdf>>

ZLODI, Goran, IVANJKO, Tomislav - *Crowdsourcing Digital Cultural Heritage*. In INFuture2013: Information Governance. [Em linha]. [Consult. 21 Jan. 2014]. Disponível em WWW:

<URL:<http://infoz.ffzg.hr/INFuture/2013/papers/601%20Zlodi,%20Ivanjko,%20Crowdsourcing%20Digital%20Cultural%20Heritage.pdf>>

### **Recursos electrónicos**

Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa - **Projecto Memórias da I Guerra Mundial 1914-1918**. [Em linha]. Lisboa: IHC FCSH–UNL. [Consult. 22 Mar.2015] Disponível em WWW: <URL: <http://memorias.portugal1914.org/>>.

Facebook Memórias da Guerra 1914-1918. [Consult. 16 Fev. 2015] Disponível em **WWW**:<URL: <https://www.facebook.com/pages/Mem%C3%B3rias-da-I-Guerra-Mundial-1914-1918/185749874875651>>.

**Europeana 1914-18**. Comissão Europeia. [Em linha]. [Consult. 11 Nov. 2014] Disponível em WWW:<URL: <http://www.europeana1914-1918.eu/en>>.

**IWM Lives of the First World War**. [Em linha]. [s.l.]: [IWM](#); [Findmypast](#). [Consult. 6 Jul. 2014] Disponível em WWW:<URL: <https://livesofthefirstworldwar.org/>>.

**Operation War Diary**. [Em linha]. United Kingdom: Imperial War Museums; The National Archives. [Consult. 6 Jul. 2014 ] Disponível emWWW: <URL: <http://www.operationwardiary.org/#/>>.

**Transcribe Bentham: a participatory initiative.** [Em linha]. London: London's Global University. [Consult. 17 Mai. 2015] Disponível em WWW: <URL: <http://blogs.ucl.ac.uk/transcribe-bentham/>>

The Guardian - **GuardianWitness.** [Em linha]. [Consult. 22 Out. 2015] Disponível em WWW: <URL: <https://witness.theguardian.com/assignment/52751e38e4b01fc33230d4aa>>.

**Archives Outside.** [Em linha].New South Wales: New South Wales Government. [Consult. 22 Mar. 201 ] Disponível em WWW: <URL <http://archivesoutside.records.nsw.gov.au/crowdsourcing-for-archives-and-libraries/>>.



## **Lista de figuras**

**Figura 1** – Esquema do processo de análise do documento fotográfico.....10

**Figura 2** – Esquema do ciclo da informação.....15

**Figura 3** – Esquema do percurso adoptado na iniciativa *Dias da Memória*.....51

## **Lista de gráficos**

**Gráfico 1** - Repartição dos objectos digitais de diferentes países europeus disponíveis através da *Europeana* em 2012-2015.....49

**Gráfico 2** - Repartição por tipologia dos objectos digitais disponíveis através da *Europeana* em 2015.....50

## **Lista de tabelas**

**Tabela 1** – Ficha de Identificação dos documentos fotográficos.....59

**Tabela 2** – Questões para a análise do documento fotográfico.....60





## **ANEXOS**

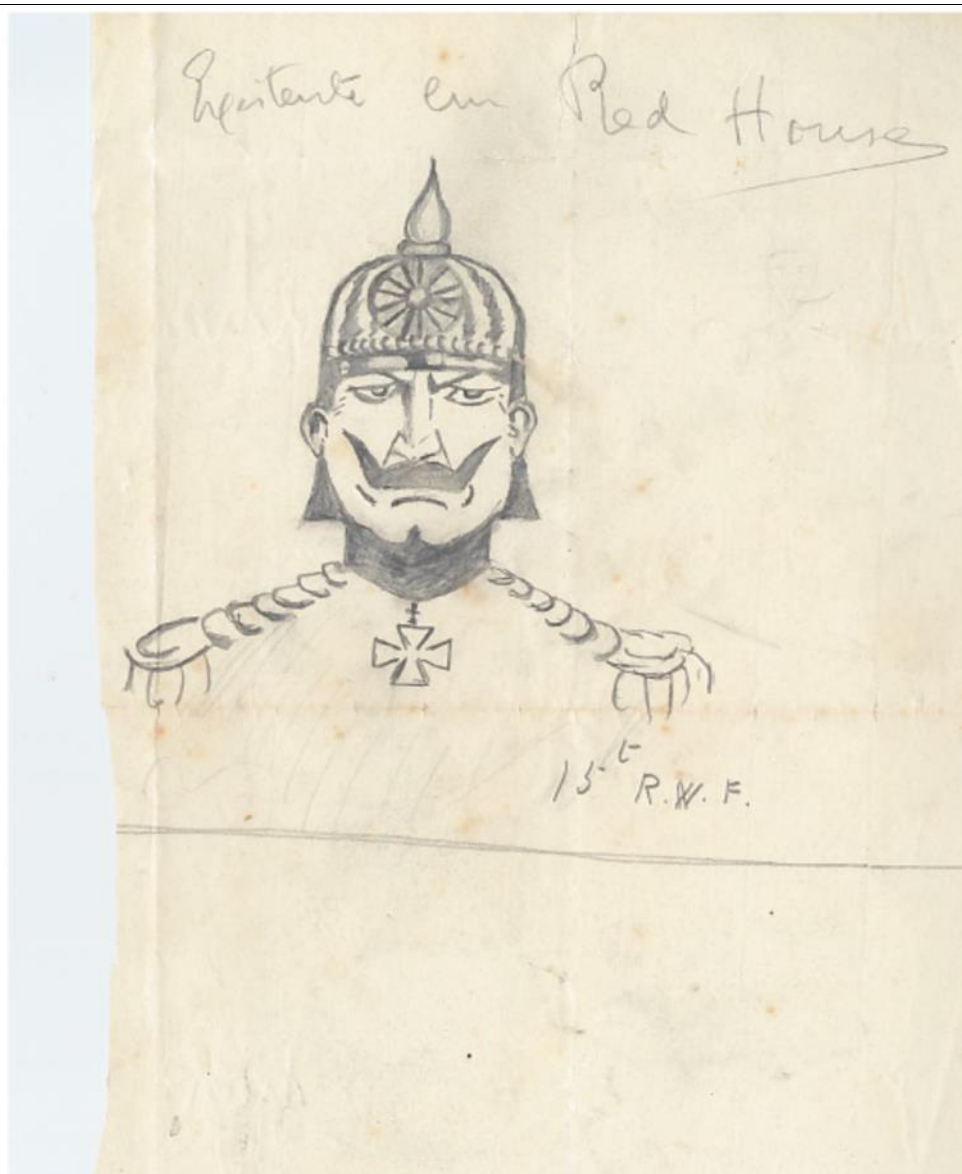


## Anexo A – Tabela de palavras-chave

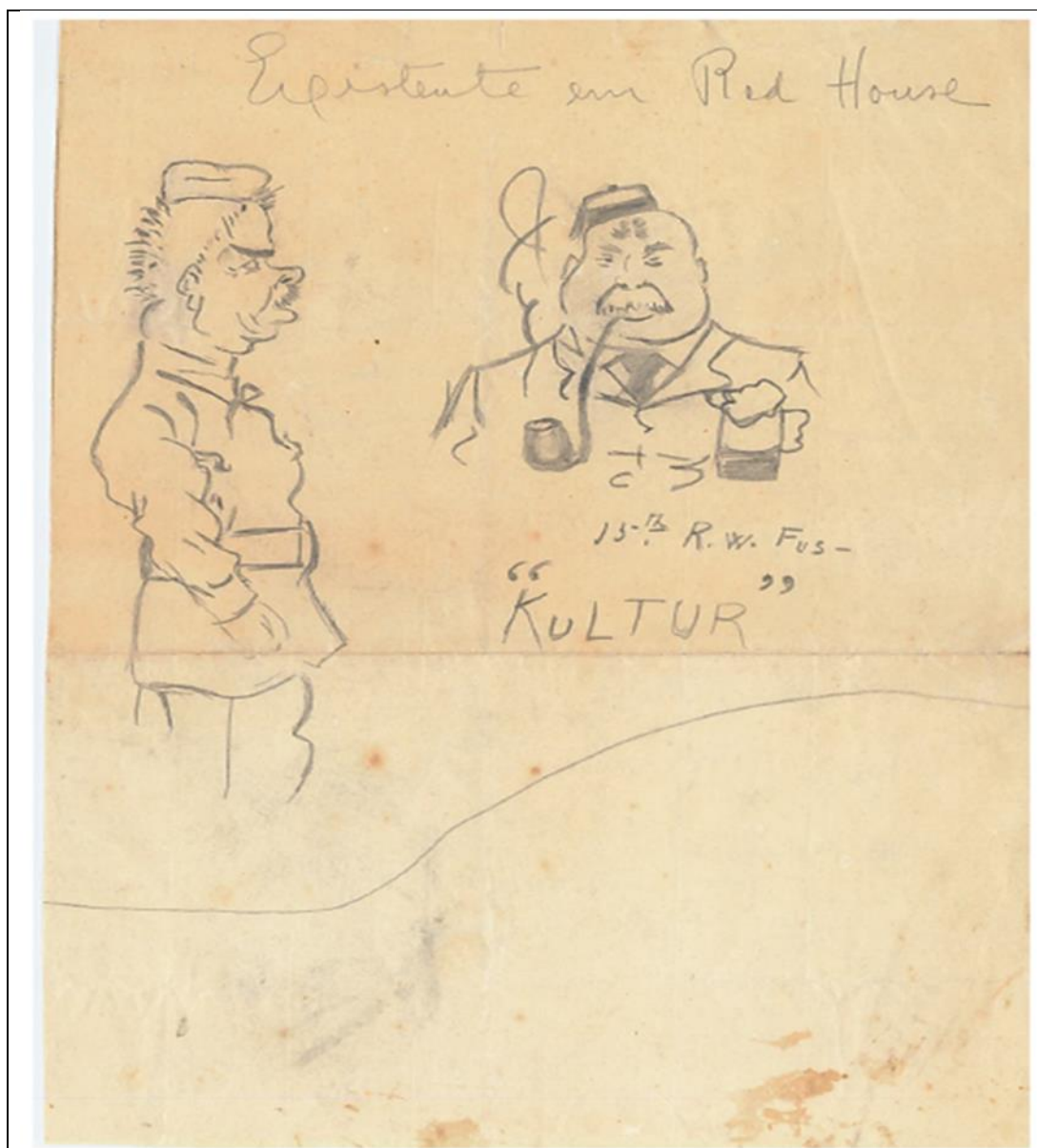
Palavra-chave	N.º de ocorrências
Açambarcamento	
África	7
Ameaças território nacional	
Angola	
Artes e cultura	1
Assistência	
Aviação	
Batalhas e combates	12
Cabo Verde	
CAP - Corpo de Artilharia Pesada	1
CAPI	
Castigos	
Censura	
Ciência e Tecnologia	
Classes sociais	
Colónias/Colonialismo	
Combustíveis	
Comunicações	
Condecorações	2
Corpo Expedicionário Português - CEP	36
Custo de vida	
Dias da Memória	9
Diplomacia, Política externa e Relações internacionais	
Doenças e cuidados de saúde	
Economia de guerra	
Economia de guerra	
Emigração	
Ensino	
Espionagem	
Finanças	
Flandres	
Forças Armadas	1
Frente africana	5
Frente interna	1
Frente Ocidental	36
Greves	
Guerra submarina	
Historiografia	
Inflação	
Instituições privadas	
Instituições públicas	

Instrução militar	
Liga dos Combatentes	
Marinha	10
Memória	24
Moçambique	
Movimento operário	
Mulheres	1
Organização militar	1
Pacifismo e movimentos pró-paz	
Patronato	
Política interna	1
Políticas sociais	1
Pós-guerra, preparação	
Presos	
Previdência social	
Prisioneiros de guerra	4
Propaganda	
Questões sociais	
Quotidiano	
Recrutamento/Mobilização	
Religião	
Reparações e indemnizações	
Revoltas	
Salários	
Sindicalismo	
Sociedade	
Subsistências	
Trabalho	
Transportes	1
Vida nas trincheiras	1

## Anexo B – Desenhos

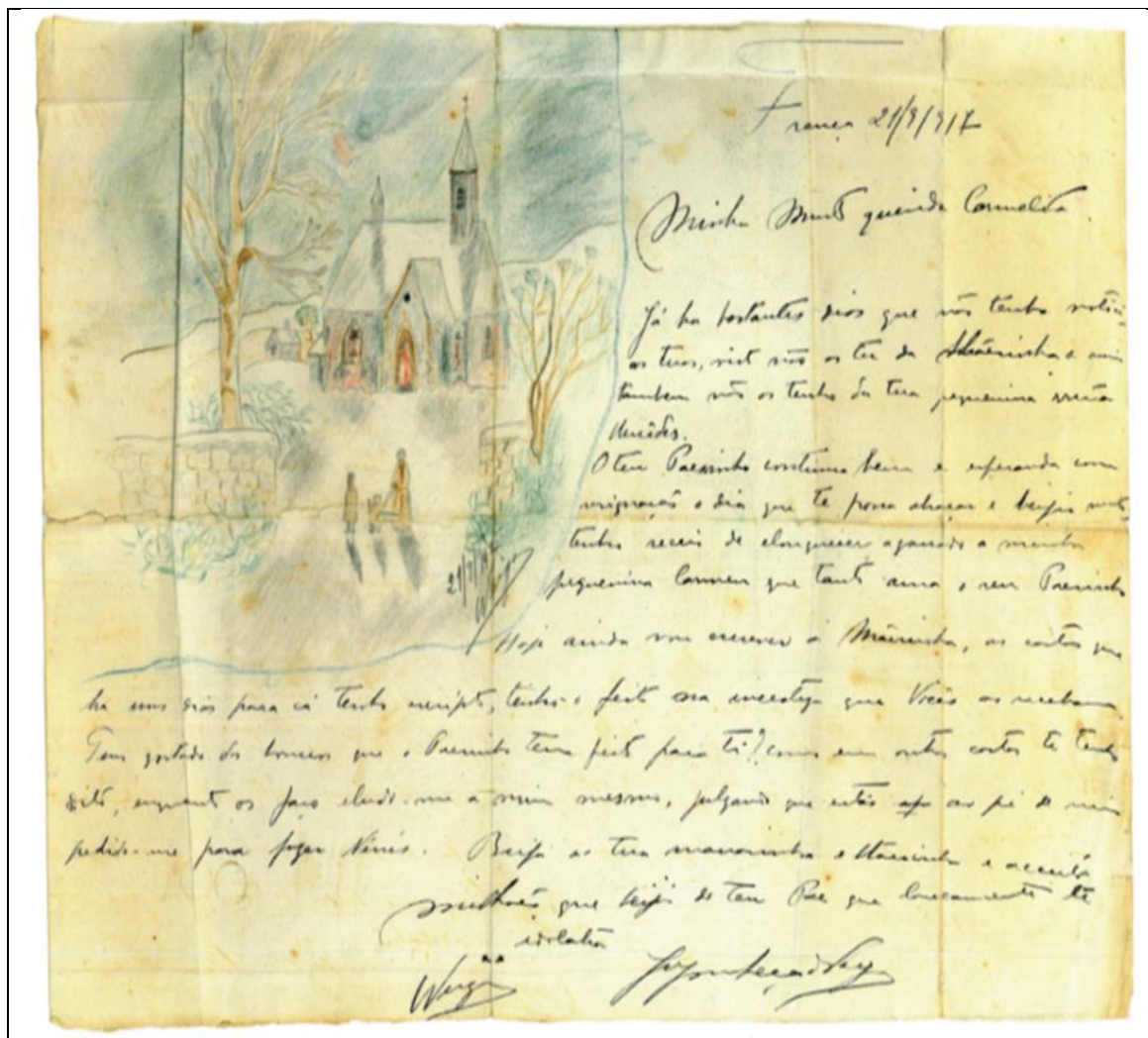


Desenho executado nas trincheiras pelo Alferes Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga em *Newe Chapelle* [s.d]



Desenho feito nas trincheiras pelo Alferes Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga em *Newe Chapelle* [s.d]

Anexo C – Carta



Carta enviada à família pelo Alferes Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga de Newe Chapelle 1917



#### Anexo D – Objectos



Adaga do Alferes Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga



Cinto da farda do Alferes Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga



**Cantil do Alferes Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga**



Capacete do Alferes Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga



## Anexo E – Passaporte



**Au nom de la République Portugaise**

PASSEPORT POUR L'ÉTRANGER, Valable pour UN AN

N<sup>o</sup> 2847

**SIGNALEMENT :**

Age de 25  
 Taille de 1,68  
 Cheveux  
 Front  
 Sourcils  
 Yeux  
 Nez  
 Bouche  
 Visage  
 Teint

Nous Consul Général de Portugal, Requérons les Autorités Civiles et Militaires de la République Portugaise et prions les Autorités Civiles et Militaires des États amis ou alliés du Portugal de laisser passer librement Monsieur Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga, ci-dessous portugais, fils de Monsieur Jaime Barroso da Veiga, et de Madame Virginia Jacobelli Leça, ses parents, nés à Lisbonne, le 18 Mars 1863, et de Madame Henriques Leça, sa mère, née à Lisbonne, le 18 Mars 1863.

allant en Portugal pour ses jours de lui donner l'aide et la protection dont il pourra avoir besoin.

Fait à Paris, le 25 Mai 1918

LE CONSUL GÉNÉRAL.  
 Aman de Avary



Gratuit - Décret N<sup>o</sup> 6219  
 N<sup>o</sup> 4583 du 1<sup>er</sup> Jan 1918  
 25 de Mai de 1918

SIGNATURE DU PORTEUR :  
 Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga

Passaporte do Alferes Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga

## Anexo F – Retratos



Retratos tirados em *Newe Chapelle* [s.d]  
Alferes Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga





**Retrato de grupo**

***Newe Chapelle*** [s.d]

**Alferes Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga**

**Sentado ao centro**

**[s.d]**



**Retrato de grupo**

***Newe Chapelle*** [s.d]

**Alferes Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga**

**1ª fila, 4º a contar da esquerda**

**[s.d]**

## Anexo G – Fotografias-postal



Em campanha

Fotografia-postal tirada em *Newe Chapelle* enviada pelo Alferes Jaime Coriolano Henriques Leça da Veiga à família

Sentado na segunda fila com duas crianças ao colo

1917





Em campanha

Fotografia-postal tirada em *Newe Chapelle* enviada pelo Alferes Jaime Coriolano Henriques

Leça da Veiga à família

4.º a contar da esquerda

1917

## Anexo H – Ficha de documento ou objecto

<b>Dias da Memória</b>	
<b>Assembleia da República   17 a 19 de Outubro 2014</b>	
<b><u>FICHA DE DOCUMENTO OU OBJECTO</u></b>	
<b>Registo</b> _____	<b>Objecto</b> _____
	<b>Documento</b> _____
Nome : _____	
Documento /objecto: _____	
<b><u>História do documento / objecto</u></b>	
Denominação	
Outra Denominação	
Criador do conteúdo	
Proprietário	
Contribuinte	
Contribuição em nome de	
Tipo de objecto	
Descrição	
Informação adicional	
<b>PESSOAS A QUE O OBJECTO ESTÁ ASSOCIADO</b>	
Personagem A_Nome	
Personagem A_Ocupação	
Personagem B_Nome	
Personagem B_Ocupação	
<b>Local / região</b>	
Teatro de Guerra 1	
Teatro de Guerra 2	
Local / região	
<b>MAIS INFORMAÇÕES</b>	
Nº Inventário_proprietário	
Tipologia/Colecção	
Local onde se encontra	





## Anexo I – Fotografias da iniciativa Dias da Memória



Assembleia da República/Dias da Memória - Registo (17 de Outubro de 2014)



Assembleia da República/Dias da Memória – Entrevista (17 de Outubro de 2014)



Assembleia da República/Dias da Memória – Digitalização (17 de Outubro de 2014)